

FACULDADE DAMAS DA INSTRUÇÃO CRISTÃ

CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

MANOELLE PATRIOTA DE MEDEIROS

A GUERRA CIBERNÉTICA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA  
ANEXAÇÃO DA CRIMEIA (2014)

RECIFE

2022

MANOELLE PATRIOTA DE MEDEIROS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A GUERRA CIBERNÉTICA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA  
ANEXAÇÃO DA CRIMEIA (2014)**

Trabalho de conclusão de curso como exigência parcial para graduação no curso de Relações Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Antônio Henrique Lucena.

RECIFE

2022

Catálogo na fonte  
Bibliotecário Ricardo Luiz Lopes CRB-4/2116

M488g Medeiros, Manoelle Patriota de.  
A guerra cibernética: um estudo de caso a partir da anexação da  
Criméia (2014) / Manoelle Patriota de Medeiros. – Recife, 2022.  
44 f.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Henrique Lucena.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Monografia – Relações  
Internacionais) – Faculdade Damas da Instrução Cristã, 2022.  
Inclui bibliografia.

1. Análise de trajetória. 2. Guerra híbrida. 3. Ciberguerra. 4.  
Ciberatques. 5. Realismo ofensivo. 6. Hegemonia. 7. Criméia. 8.  
Rússia. 9. Anexação. I. Lucena, Antônio Henrique. II. Faculdade Damas  
da Instrução Cristã. III. Título.

327 CDU (22. ed.)

FADIC (2022.2-025)

MANOELLE PATRIOTA DE MEDEIROS  
CURSO DE RELAÇÕES INTERNACIONAIS

**A GUERRA CIBERNÉTICA: UM ESTUDO DE CASO A PARTIR DA  
ANEXAÇÃO DA CRIMEIA (2014)**

Trabalho de conclusão de curso como exigência  
parcial para graduação no curso de Relações  
Internacionais, sob orientação do Prof. Dr. Antônio  
Henrique Lucena.

Aprovada em: \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Me. Bianor da Silva Teodósio Neto

---

Prof. Me. Maria Eduarda Buonafina Franco Dourado

---

Orientador, Prof. Dr. Antônio Henrique Lucena Silva

RECIFE  
2022

## AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por todas as oportunidades que me tem concedido e por sempre iluminar o meu caminho.

Em segundo lugar, o meu mais especial agradecimento vai para a minha família. Ao meu pai por ter sempre me incentivado em cada etapa dos meus estudos, por ter sempre lutado dia após dia para poder me oferecer o que há de melhor e por ter sempre me ensinado a pescar para que um dia eu consiga fazer isso sozinha. Agradeço também a minha mãe, por ter acreditado em mim, mesmo quando às vezes nem eu mesma acreditava, por ter tido paciência mesmo nos dias que eu estava mais esgotada e por ter sempre pedido a Deus que Ele iluminasse o meu caminho e estivesse ao meu lado. Meus agradecimentos vão também as minhas irmãs, Isaura e Isabelle, pela paciência de todos os dias e por cada copo de água que Isaura trazia quando eu estava estudando, e ao meu cachorro, Spook, que mesmo sem nem saber o que é estudar, chegava com uma bolinha para eu brincar com ele e me distrair nos momentos em que eu estava mais tensa. Não posso deixar de agradecer também a minha Tia Úa, que me incentivou desde pequena a sempre ler e estudar, e a todos os meus demais tios por sempre terem acreditado em mim.

Agradeço também a todo o corpo docente da Faculdade Damas que foram de extrema importância para o meu aprendizado, para a construção do início da vida profissional de todos os alunos e também para o desenvolvimento de um senso crítico e visão de mundo de todos o corpo estudantil. Em especial, agradeço ao professor, e também meu orientador, Doutor Antônio Henrique Lucena, por todo o aprendizado, por ter feito despertar em mim o interesse pelas questões de política externa e segurança internacional e, principalmente, pela paciência, disponibilidade e por ter aceitado me conduzir nesta grande última etapa da graduação.

Tenho gratidão também a todos os amigos que fiz na Damas, a minha equipe de trabalho na Aliança e aos meus amigos pessoais por terem aguentado as menções sobre o TCC e fim da faculdade o ano todo e por terem me apoiado e acreditado em mim. Enfim, não teria conseguido sozinha e, por isso, sou imensamente grata a todos que fazem parte da minha vida.

“The beginning is perhaps more difficult than anything else, but keep heart, it will turn out all right.”

- Vincent Van Gogh

## RESUMO

A relação entre a Rússia e a Ucrânia, desde o seu princípio, é marcada por diversos eventos e conflitos, muitos deles, devido a posicionamentos divergentes ou a interesses territoriais, por exemplo, em comum. Como um dos últimos eventos ocorridos entre esses Estados, o ano de 2014 foi marcado pela disputa pela região da Crimeia entre esses agentes e, tal ocorrido, marcou a utilização de ciberataques e um modelo de ciberguerra por parte de Moscou em conjunto com métodos tradicionais de conflito para que o objetivo, esse que pode ser explicado pelo realismo ofensivo de Mearsheimer, desse país fosse alcançado. Diante disso, faz-se necessário observar, utilizando-se de revisão bibliográfica, os mecanismos e estratégias no ciberespaço utilizados pela Rússia para anexar a Península da Crimeia à Federação Russa.

**Palavras chaves:** análise de trajetória; guerra híbrida; ciberguerra; ciberataques; realismo ofensivo; hegemonia; Crimeia; Rússia; anexação.

## ABSTRACT

The relationship between Russia and Ukraine, since its beginning, is marked by several events and conflicts, many of them, due to divergent positions or territorial interests, for example, in common. As one of the last events between these States, the year of 2014 was marked by the dispute over the Crimea region between these agents and also marked the use of cyberattacks and a model of cyberwarfare by Moscow in conjunction with traditional methods of conflict so that the goal, which can be explained by Mearsheimer's offensive realism, of this country was achieved. Therefore, it is necessary to observe, using a bibliographic review, the mechanisms and strategies in cyberspace used by Russia to annex the Crimean Peninsula to the Russian Federation.

**Keywords:** trajectory analysis; hybrid war; cyberwar; cyberattacks; offensive realism; hegemony; Crimea; Russia; annexation.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>8</b>
<b>2 CIBERESPAÇO, CIBERGUERRA E REALISMO OFENSIVO.....</b>	<b>12</b>
2.1 Introdução teórica do estudo da guerra.....	12
2.2 O realismo ofensivo e seus conceitos.....	13
2.3 Histórico do ciberespaço.....	15
2.4 O desenvolvimento do ciberataque e a ciberguerra.....	19
2.5 Ciberguerra e sua análise a partir de escolas teóricas.....	23
<b>3 A HISTÓRIA DA RÚSSIA E UCRÂNIA E O ACONTECIMENTO DE 2014....</b>	<b>25</b>
3.1 Rússia-Ucrânia.....	25
3.2 A questão da Crimeia.....	31
3.3 O ano de 2014 na Ucrânia e na Crimeia.....	34
<b>4 INTERVENÇÃO RUSSA NA CRIMEIA E O PROCESSO DE ANEXAÇÃO ....</b>	<b>40</b>
4.1 Motivações russas.....	40
4.2 Operação tradicional e ciberataques.....	42
4.3 APAS na anexação.....	47
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>52</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>54</b>

## 1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho possui como objeto de estudo uma análise sobre a guerra híbrida, e como a Rússia usou do mecanismo de ciberataques, esses que muitas vezes são uma das estratégias utilizadas para esse tipo de conflito, no processo de anexação da Crimeia em 2014.

Desde o princípio da humanidade, o mundo já assistiu e passou por diversas guerras, tendo essas mudado de características, finalidades e natureza de acordo com o contexto em que se vivia e os Estados que participavam. Entretanto, algumas guerras ou conflitos foram de fundamental importância e podem ser consideradas, a partir do conceito matemático e economicista, “pontos de inflexão”, uma vez que a partir dela, houve uma alteração na forma em que os conflitos são travados, sendo exemplo disso a Guerra dos Trinta Anos, as duas grandes Guerras Mundiais, a Guerra Fria, entre outras.

Ademais, faz-se importante mencionar que, um dos últimos “momentos de conflito em escala mundial e interestatal” que o mundo passou, a Guerra Fria, foi de extrema importância para consagrar os Estados Unidos e a Rússia como as principais potências militares do sistema internacional.

Apesar do estabelecimento de um considerável nível de paz desde então, atualmente, com o avanço da internet e os sistemas cada vez mais conectados, percebeu-se a importância que o ciberespaço possui para um país, uma vez que tal localidade auxilia no funcionamento da nação. Esse passa, então, a ser considerado um “campo de batalha” em que uma nação pode atacar a outra e causar sérias consequências. Desse modo, foram cunhados e definidos termos como ciberataque, ciberguerra e ciberterrorismo.

Diante disso, a partir do Euromaidan em 2014, em que ucranianos se uniram em Kiev para se manifestarem contra o governo do presidente eleito em 2010, Viktor Yanukovich, e buscarem uma maior integração com a União Europeia (UE), a Rússia acabou por responder tal ação considerado o ato como um “golpe de Estado” e como uma ameaça aos seus interesses, visto que um governo interino pró-UE passou a existir na Ucrânia a partir da deposição do então presidente, e isso acabou por motivar Moscou a realizar uma investida com o objetivo, ainda que não declarado por esse país, de anexar a região da Crimeia.

Tal atitude de Moscou fez-se valer de diversas ações e estratégias aplicadas a partir do campo virtual e, por isso, considera-se que tal investida utilizou-se de mecanismos de ciberataque e ciberguerra, o que tornou, conseqüentemente, a anexação da Crimeia naquela data

o ponto de inflexão para demonstrar como ciberataques são um fator importante em uma guerra irregular e como são efetivos em uma operação militar e nesse tipo de investida.

Logo, a partir dessa nova realidade e, em especial, como a mesma foi utilizada em 2014, tal pesquisa acaba por possuir como pergunta norteadora: como a Rússia se utilizou de ciberataques, em sua guerra híbrida, para, por consequência, anexar a região da Crimeia? Dessa forma, esse estudo busca a resposta para essa pergunta através da análise do conflito, dos mecanismos e das estratégias utilizadas por Moscou, possuindo, portanto, como delimitação temporal o período que marca a chegada de Viktor Yanukovich ao poder (o ano de 2010) até o total domínio da região Ucrainiana pela Rússia, e como delimitação espacial a Crimeia e seus arredores.

Ademais, busca-se: analisar a estratégia russa, investigar os instrumentos que foram utilizados para a ação cibernética na ofensiva e a efetividade de cada um deles e entender como tal processo foi de fundamental importância para que a ação alcançasse o sucesso. A partir desses, poderemos, portanto, responder a pergunta norteadora. Vale salientar que, para realizar o estudo a que se propõe esse trabalho, será utilizado o realismo ofensivo de Mearsheimer e conceitos como o de sobrevivência, *great power* e maximização de poder, por exemplo.

Quanto a metodologia que será aplicada nesta pesquisa, será utilizada uma abordagem mista para a análise da questão que será estudada, visto que será empregado dados qualitativos, e quantitativos. Entretanto, vale salientar que será utilizado o método qualitativo em predominância, através do estudo de caso com auxílio de uma análise bibliográfica sobre o objeto de estudo.

Nesse estudo se aplicará uma análise de trajetória, para, dessa maneira, encontrar e entender eventos que levaram ao surgimento de determinados fenômenos e de como a guerra cibernética dentro da guerra híbrida tornou-se uma realidade. Ademais, essa mesma técnica será importante para que se possa entender os caminhos que a Rússia usou durante o seu processo de ataque cibernético para garantir a anexação da Crimeia. Enquanto que, em segundo plano, o método quantitativo será utilizado para buscar demonstrar o quanto que tal estratégia militar impactou para a anexação e como ela está sendo utilizada atualmente. Vale ainda ressaltar, que as informações serão levantadas de forma secundária, visto a dificuldade linguística e logística para que se exista um estudo em campo no local onde tudo se passou e seus arredores. Ademais, o trabalho será dividido em três capítulos.

A primeira parte do estudo será dedicada ao estudo do ciberespaço, de como ele foi se desenvolvendo e adquirindo importância e também a definição de pressupostos teóricos que se

relacionam ao tema, como o de ciberespaço, ciberataque, ciberguerra. Além disso, será abordado a teoria das relações internacionais que poderá explicar as atitudes russas e os eventos. Desse modo, será utilizado método qualitativo, em que tais informações serão obtidas de livros que abordam os conceitos e aspectos.

A segunda parte da pesquisa será dedicada ao estudo da história da questão Rússia-Ucrânia, buscando, portanto, um *background* histórico que levou ao evento ocorrido em 2014. Buscará, portanto, analisar: os motivos que levaram a origem da rivalidade; a história do território disputado; dentre alguns outros tópicos ainda no contexto da história e associados a Crimeia, Rússia e Ucrânia. Para essa seção, fará uso de dados qualitativos advindo de artigos e livros sobre a história dos dois países e em relação ao comportamento deles no que se refere a Crimeia, e também se utilizará da análise de reportagens do contexto internacional da época, para que, dessa maneira, possa-se explicar esses tópicos que serão abordados, concedendo, assim, um maior rigor científico e veracidade para o que será mencionado nessa porção do estudo.

A terceira parte visa analisar o evento de 2014 em si, a incursão militar e como foi usada ferramentas cibernéticas durante todo o processo. Desse modo, vai-se entender os caminhos utilizados pela Rússia, quanto a questões cibernéticas, para garantir a anexação da Crimeia. Para isso, será utilizado um levantamento de trajetória, visto que será apresentado sequências temporais do acontecimento. Para se ter, portanto, dados mais concretos sobre tais pontos, esses serão obtidos através da análise bibliográfica de artigos e livros sobre como a Rússia utilizou-se de mecanismos cibernéticos e como esses foram afetando a população ucraniana durante a ação, e também de reportagens. Além disso, nesta seção que se fará ainda uso do método quantitativo, ainda que em baixa quantidade, para auxiliar a análise de como essa estratégia russa tem atingido os tempos atuais.

Esse trabalho tem como objetivo geral a análise de como o ataque cibernético, ou seja, a ciberguerra, foi de fundamental importância para o sucesso da anexação da Crimeia pela Rússia e, como objetivos específicos: o auxílio na formação e clareza do sentido da ciberguerra a partir do uso da mesma por Moscou no processo de anexação da região da Crimeia; a correlação entre essa forma de guerra e o conceito realista ofensivo; a investigação dos instrumentos que foram utilizados para a ação cibernética na ofensiva e a efetividade de cada um deles.

Ademais, o tema é importante para a academia, visto que por ser um fenômeno ainda recente, não existe uma total definição de como seria, quais são as suas características, quais seriam os seus impactos e como se proteger. Diante disso, a partir do entendimento completo

de como a ciberguerra decorreu no caso entre Kiev e Moscou, tal debate terá mais fatos e pontos que poderão ajudar na definição e melhor preparação para outros países lidarem com essa nova realidade. Além disso, a discussão sobre o assunto também se faz necessária devido ao fato de que um ataque no nível do ciberespaço ainda seria mais difícil para controlar por serem anônimos e não partirem apenas de Governos, mas também de algumas organizações não governamentais que podem trabalhar associadas ao poder político, e, por serem algo recente, nem todos os países possuem conhecimento e métodos para se defenderem de um possível ciberataque. Vale ainda mencionar que a internet faz-se importante para diversos setores de um país, como o econômico, e é usada pela maior parte da população, o que faz com que os impactos de um ciberataque e de uma ciberguerra sejam ainda mais devastadores (ataques iriam afetar além de órgãos governamentais ou as forças armadas).

## **2. CIBERESPAÇO, CIBERGUERRA E REALISMO OFENSIVO**

Neste capítulo será trabalhado a história, evolução e conceitos sobre o ciberespaço e ciberguerra a partir de um olhar realista ofensivo. A partir disso, poderá se compreender os capítulos posteriores e como tal ação alcançou os níveis de 2014.

Para melhor delimitação e auxílio na compreensão, esse capítulo se dividirá em: uma breve resumo sobre guerra de acordo com as relações internacionais; uma análise a partir do ponto de vista da teoria realista sobre esse tipo de conflito armado; uma apresentação sobre a história do ciberespaço; uma cronologia sobre o desenvolvimento do ciberataque e da ciberguerra, além de suas definições; e uma reflexão sobre como a ciberguerra e como ela se alinha ao realismo ofensivo, abordando também ideias do estudioso Joseph Nye e sua teoria neoliberal, sendo essas teorias e o uso delas não excludentes.

### **2.1 INTRODUÇÃO TEÓRICA DO ESTUDO DA GUERRA**

A disciplina das relações internacionais é um campo de estudo recente que surgiu no fim do evento da Primeira Grande Guerra Mundial, em meados de 1917 na universidade escocesa de Aberystwyth, com a finalidade de estudar a questão da guerra e, conseqüentemente, desvendar o mistério de como evitar que eventos como o ocorrido na Europa entre 1914-1918 ocorresse novamente.

A partir do desenvolvimento dessa disciplina, que possui forte influência da Ciência Política, surgem diversas teorias para estudar as questões norteadoras da área: a questão das guerras, as relações de poder e o comportamento dos Estados no sistema internacional. A partir desses pontos, leva-se, então, ao surgimento da primeira grande teoria das relações internacionais: o liberalismo. Esse, que está fortemente alicerçado na teoria de Immanuel Kant, mas que possui Edward Carr como o seu estudioso tradicional desse campo, vai observar o Estado como um mal necessário, que as relações internacionais são compostas pela atuação de uma multiplicidade de atores (Estados, Organizações Internacionais, empresas, indivíduos) e que o sistema internacional pode ser marcado pela cooperação e paz (ideia da paz democrática surgindo como consequência desse pressuposto), sendo essa pacificidade motivada principalmente pelo livre comércio. Desse modo, a teoria liberal buscará entender o mundo como ele poderia ser.

Buscando questionar e se opor a essa linha de pensamento, Morgenthau (1948, p. 146-173) busca mostrar o mundo como ele de fato é (desvinculado de princípios morais). Formulando, a partir disso, a segunda grande teoria das relações internacionais e que vai formar o primeiro grande debate na disciplina: o realismo. Desse modo, ele vai afirmar que o sistema internacional é anárquico, uma vez que não existe uma entidade ou ator com poder coercitivo legítimo, e que os Estados são obrigados a cooperar e fazer alianças para sobreviverem, o que leva a um "equilíbrio de poder". Diante disso, chega-se a conclusão para os realistas que a segurança é o que irá "definir" como os Estados-Nações vão agir dentro do sistema internacional, tornando essa ideia, portanto, o conceito fundamental da teoria.

Após essas, surgem diversas outras teorias (marxismo, teoria crítica, construtivismo, entre outras) e também novas "formatações" dessas escolas clássicas que passarão a apresentar novas ideias a partir da nova realidade em que seus autores observam. Uma dessas é o realismo ofensivo.

## 2.2 O REALISMO OFENSIVO E SEUS CONCEITOS

Já em 2001, Mearsheimer (2001, p. 5) vai formular o realismo ofensivo. Assim como a teoria da qual deriva, vai focar na ideia de segurança e poder para que, com essa, um Estado possa sobreviver, o que torna, portanto, esse conceito um dos termos fundamentais da teoria de Mearsheimer e que, de acordo com ele, vai regular as relações entre os países (2001, p. 21). Entretanto, para que a sobrevivência seja garantida, é preciso que ocorra a maximização de poder. Para esse autor, no sistema internacional, existem grandes potências e essas definem o "rumo" desse complexo, além de que essas buscam o poder como resultado, o que faz com que os Estados, em especial os que são classificados da maneira anteriormente posta, tornem-se maximizadores de poder. Esses possuem tal necessidade porque, de acordo com Mearsheimer (2001, p. 2) "*great powers are rarely content with the current distribution of power; on the contrary, they face a constant incentive to change it in their favor*"<sup>1</sup>. Ademais, o motivo pelo qual a maximização seja importante é o fato de que, como argumentado pelo autor, o sistema internacional possui uma característica anárquica. Diante disso, neste não existe, e é impossível de se fazer existir, uma autoridade suprema, legítima e indiscutível que possa ditar as regras, interpretá-las, implementá-las e castigar quem não as obedece. Desse modo, a partir da

---

<sup>1</sup> Tradução livre: "As grandes potências raramente se contentam com a atual distribuição de poder; pelo contrário, eles enfrentam um incentivo constante para mudá-lo a seu favor."

maximização do poder, um Estado pode lutar pela sua sobrevivência e “superar” a anarquia e as consequências que ela pode trazer.

Ademais, apesar de defender que o sistema internacional é anárquico, diferente do que é apresentado pelos clássicos, os ofensivos afirmam que essa anarquia deriva do dilema de segurança. Isso porque, como afirmado por Mearsheimer (2001, p. 31), “*uncertainty about intentions is unavoidable, which means that states can never be sure that other states do not have offensive intentions to go along with their offensive capabilities*”<sup>2</sup>.

Dessa maneira, cria-se uma incerteza no sistema internacional, ideia também formulada por Mearsheimer (2001 *apud* WILLIAMS, 2013, p. 22), em que se afirma que “*states can never be certain about other states' intentions*”<sup>3</sup> e que pode ameaçar a paz e a segurança de um Estado.

Por conta dessa realidade, os Estados buscam, portanto, a hegemonia (maximização de sua parcela de poder no mundo), para, novamente, garantirem a sua segurança e consequente sobrevivência. Possuindo esses pontos em mente, as nações que compõem o sistema internacional vão buscar através de vários campos, como o ciberespaço, e comportamentos diversos, como o ciberataque, alcançar esses objetivos. Entretanto, vale ressaltar que, esse poder hegemônico que as grandes potências buscam não se daria de maneira global, visto que, para esse autor, nações possuem uma grande dificuldade em projetar poder a longa distância, o que faz com que apenas seja possível a existência de *hegemons regional* (*The stopping power of water*).

Além disso, tem-se que a sobrevivência, o principal objetivo de um país dentro do sistema internacional, de acordo com Mearsheimer, é trabalhada a partir do momento em que todas as instituições e corpo político que constituem o país mobilizam todas as capacidades nacionais para que um Estado se conserve no cenário internacional. Desse modo, o papel dos líderes políticos e dos *decisions-makers* é lutar pela sobrevivência do seu país no contexto internacional e, a partir disso, assegurar a segurança dos seus indivíduos. Associado a esse conceito, pode-se ainda adicionar o fato de que para as ideias geopolíticas clássicas, para que um Estado-Nação se desenvolva e, conseqüentemente, se conserve, faz-se preciso a existência de uma saída para o mar.

Além dessas, uma outra filosofia ofensiva, é o fato de que para que um país garanta a sua segurança e sobrevivência, ele precisa possuir poder. Essa teoria define esse conceito como a soma da capacidade material com a capacidade latente, sendo essa última definida como a

---

<sup>2</sup> Tradução livre: “A incerteza sobre as intenções é inevitável, o que significa que os estados nunca podem ter certeza de que outros estados não têm intenções ofensivas para acompanhar suas capacidades ofensivas”

<sup>3</sup> Tradução livre: “Os estados nunca podem ter certeza sobre as intenções de outros estados.”

capacidade de um determinado país em transformar ativos como população, riqueza e tecnologia em poder militar. Dessa maneira, observa-se, portanto, que o conhecimento tecnológico, por exemplo, é uma forma de que um Estado possa garantir que esse conceito ofensivo e, conseqüentemente, maximizar o seu poder e alcançar as conseqüências que esse pode trazer a uma nação. Ademais, tal ideia de potencialização pode ser associada à lei complementar (ou lei da geopolítica), uma vez que a mesma afirma que “um largo espaço assegurará a vida dos Estados”, garantindo, portanto, que o principal objetivo dos Estados, de acordo com Mearsheimer, seja alcançado. (MAFRA, 2006, p. 51).

### 2.3 HISTÓRICO DO CIBERESPAÇO

Ao analisarmos a história mundial com especial foco nos conflitos que ocorreram no mundo, percebe-se que não é de períodos recentes que se tem o conhecimento de que se faz necessárias diversas estratégias, artifícios e instrumentos para se determinar o curso de uma guerra. Desde a espionagem até a ciberguerra, sendo essa o foco de estudo deste trabalho a partir da utilização dos ciberataques para representá-la dentro de uma guerra híbrida, e o novo modo de guerra que tem se desenvolvido, percebe-se que, assim como existe tal pensamento na economia, criam-se produtos para atender uma determinada necessidade, ou seja, trazendo tal ideia para o campo dos estudos estratégicos e da segurança, percebe-se que ao longo dos anos o modo e instrumentos de guerra foram-se alterando para que pudessem adequar-se a realidade e contexto histórico que existia e, conseqüentemente, alcançar os objetivos daqueles Estados-nação que estavam em disputa. Sendo um desses para o realismo ofensivo, a sobrevivência.

No início da história do mundo, já se percebeu a importância da informação/conhecimento como algo de fundamental importância para a obtenção de vantagens em um conflito. Sendo assim, campanhas para a obtenção de informações sobre o inimigo remontam desde os tempos bíblicos, como foram as missões de espionagem enviadas por Josué a cidade de Jericó para que ele obtivesse conhecimento sobre a estratégia de defesa daquela cidade. Com o passar dos anos, essa espionagem tornou-se cada vez mais indispensáveis para os Estados-Nação que estavam em conflito ou que possuíam interesse no território de um outro país, por exemplo.

Entretanto, apesar da obtenção dessas informações serem de fundamental importância, para que elas fossem de fato efetivas fazia-se necessário que elas fossem repassadas aos atores de *decision-making* de forma rápida e segura. Além disso, exércitos tornavam-se cada vez mais

dependente da comunicação e da centralização do controle (SPRINGER, 2015, p. 24). Sendo assim, percebe-se que mecanismos e estratégias para obtenção e repasse de informações foram se desenvolvendo e evoluindo ao longo dos anos, passando, portanto, desde um telégrafo óptico elaborado por Napoleão Bonaparte que permitia que mensagens fossem enviadas desde a costa da França até os quartéis gerais em Paris e, assim, ele coordenasse seus exércitos, ao telégrafo e, agora, o computador e a internet.

Ainda no século XX, a partir da formulação de ideias e protótipos que se assemelhavam a um mecanismo de processamento de dados, sendo um desses a máquina diferencial e o conceito teórico da máquina analítica de Charles Babbage, pode-se ao longo dos anos e com os avanços e desenvolvimentos tecnológicos que surgiam, desenvolver-se o computador que se conhece hoje em dia. Entretanto, vale salientar que um dos principais momentos históricos no campo da computação é a partir das ideias desenvolvidas por Alan Turing e a sua máquina. Isso porque, como informado por Fonseca (2007, p. 76), “a importância da Máquina de Turing está no fato de que ela representa um objeto matemático formal. Através dela, pela primeira vez, se deu uma boa definição do que significa computar algo”.

A partir, portanto, de conhecimentos importantes e fundamentais desenvolvidos por seus predecessores, Jack St. Clair Kilby pode, então, em 1958 desenvolver um circuito integrado que se tornou a base para a tecnologia de um computador moderno, além de também eliminar problemas com o aquecimento e o custo na produção, que era um desafio a tentativas anteriores na criação do computador. Desse modo, foi-se evoluindo quanto às funcionalidades e modelos até chegarmos às máquinas que conhecemos hoje produzidas pelas grandes marcas.

Somado a isso, para chegar-se a uma realidade próxima a atual, desenvolveu-se, a partir dos anos 60, os primeiros passos do que é hoje conhecido como internet. Criada inicialmente com finalidade militar e desenvolvimento de pesquisas, a Advanced Research Projects Agency (ARPA) foi um projeto financiado pelo Departamento de Defesa Norte-Americano que observou após o lançamento do Sputnik Sovético a necessidade de se criar uma ferramenta de prevenção de ataques tecnológicos de adversários e de compartilhamento de dados para pesquisas. Além disso, essa foi criada também com o objetivo de manter a superioridade tecnológica norte-americana. A partir dos estudos dessa agência, foi criado a Advanced Research Projects Agency Network (ARPANET) (SPRINGER, 2015, p. 17; NUNES, LEHFELD, SILVA, 2020, p. 212). Essa visava a criação de um sistema de comunicação a longa distância que seria resistente a ataques nucleares e não sofreria extravios, além de permitir a comunicação de computadores, a troca de dados e processamento entre esses. Ademais, um

outro fator importante para esse tipo de instrumento, é o fato de que observa-se que a partir dos conhecimentos que podiam ser obtidos com esses novos meios de comunicação, um comandante, por exemplo, poderia, portanto, saber os passos de um inimigo e planejar formas de derrotá-los. Levando essa metáfora ao campo governamental, um ator que faz parte do processo de *decision-making* de um Estado, acaba por ter conhecimento das vulnerabilidades da nação inimiga e atacá-la nessa fraqueza para que ele obtenha benefícios.

Essa nova realidade iniciou o seu funcionamento a partir de roteadores espalhados em quatro universidades americanas, a Universidade de Stanford, da Califórnia em Los Angeles (UCLA), da Califórnia em Santa Bárbara e a de Utah, formando, portanto, a primeira rede de computadores (SPRINGER, 2015, p. 17). O primeiro “sinal de conexão” nessa rede deu-se em 1969 quando foi transmitido sinais dos computadores da UCLA a Stanford e, após a transmissão, o sistema caiu por um tempo, o que demonstrou que, apesar do sucesso, essa rede precisava ainda ser estabilizada para suportar mais dados e crescer sua conexão. No final daquele ano, tal situação foi melhorada e o sistema conectou-se de fato permitindo a troca de dados e comunicação entre essas instituições.

Desse modo, foi-se observado a importância e utilidade desse mecanismo para os governos e aspectos militares e, com isso, houve ainda mais investimentos, o que possibilitou o crescimento da rede exponencialmente.

Apesar de tal progresso, durante suas duas décadas iniciais a ARPANET era usada apenas como instrumento de pesquisa e como forma de comunicação governamental.

Entretanto, apesar da melhoria em todo o sistema e o sucesso que essa tecnologia estava possuindo, os estudiosos e desenvolvedores dela, ainda em 1988, tiveram que lidar com um fator até então nunca conhecido, um *worm*. Esse é um *malware* (programa malicioso, um vírus) que é desenvolvido para atacar sistemas e que possuem rápido processo de replicação. Tal programa foi desenvolvido pelo estudante do Massachusetts Institute of Technology (MIT), Robert Morris, e ficou conhecido como “Morris Worm” que acabou por demonstrar que esse novo sistema de comunicação ainda sofria com a falta de segurança nos dados e na rede, o que permitia, conseqüentemente, que um agente externo tivesse a possibilidade de causar fortes danos nas redes de computadores que eram infectadas (SPRINGER, 2015, p. 18). Esse pode-se, portanto, ser considerado um dos primeiros passos para o que pode ser caracterizado como ciberataque, que foi evoluindo ao longo dos anos até chegar em níveis ainda mais devastadores, chegando à ciberguerra.

Foi, então, em 1989 que a internet tornou-se de fato o que se conhece hoje e passou a ter acesso a sociedade em geral. Tal realidade apenas tornou-se possível com a criação do mecanismo de *World Wide Web* (WWW) desenvolvido pelo cientista britânico Tim Berners-Lee. Esse instrumento

[...] contém dados e informações que, armazenadas num servidor, podem ser exibidos por meio de hipertextos, vídeos, sons e imagens. Lidas através de um navegador, num espaço visível determinado, a internet, através de provedores de busca, direciona o usuário à páginas determinadas (POMPÉO; SEEFELDT, 2013 apud NUNES, LEHFELD, SILVA, 2020, p. 212).

Diante disso, passou a existir a internet que conhecemos nas configurações atuais e esse nome foi finalmente adotado. Ademais, a partir dessa “liberação” ao público geral e expansão desse meio, usuários passaram, então, a ter acesso sem a necessidade de programas específicos para rodar essa nova tecnologia e sem precisar de conhecimentos específicos. Além disso, a partir do uso cada vez mais do público e importância que esse meio passou a possuir, cresceu o número de empresas que desenvolviam *softwares* e também daquelas que disponibilizam a internet.

A partir de todo esse desenvolvimento, pode-se, portanto, criar de fato o campo do ciberespaço, que, como afirmado por Nye (2011), é um regime híbrido único de propriedades físicas e virtuais, e, a partir da natureza do homem e objetivo dos que usam esse meio, surgiram as consequências para o mundo vindas dessa nova realidade. Além disso, sabe-se também que tal mudança se deu por um novo “evento” ocorrido na sociedade. Esse ficou conhecido como “Terceira Revolução Industrial” e foi marcada pela

rapid technological advances in computers, communications, and software that in turn have led to dramatic decreases in the cost of creating, processing and transmitting, and searching for information. [...] The key characteristic of this Information Revolution is not the speed of communications between the wealthy and powerful [...]. [...] The crucial change is the enormous reduction in the cost of transmitting information. For all practical purposes, the actual transmission costs have become negligible; hence, the amount of information that can be transmitted worldwide is virtually infinite. The result is an explosion of information [...].<sup>4</sup> (NYE, 2011, p. 76)

---

<sup>4</sup> Tradução livre: “Rápidos avanços tecnológicos em computadores, comunicações e software que, por sua vez, levaram a reduções drásticas no custo de criação, processamento, transmissão e busca de informações. [...] A característica chave desta Revolução da Informação não é a velocidade das comunicações entre ricos e poderosos [...]. [...] A mudança crucial é a enorme redução no custo de transmissão de informações. Para todos os efeitos práticos, os custos reais de transmissão tornaram-se insignificantes; portanto, a quantidade de informação que pode ser transmitida em todo o mundo é virtualmente infinita. O resultado é uma explosão de informações [...]”

Por conta desses ocorridos, passa a existir no mundo de fato o fenômeno da ciber guerra e ciberataque, sendo esses consequência e ramificações do conceito de ciber poder<sup>5</sup>.

## 2.4 O DESENVOLVIMENTO DO CIBERATAQUE E A CIBERGUERRA

É possível, portanto, perceber que, com o desenvolvimento do ciberespaço, o mundo passou por uma revolução informacional, em que essa altera a natureza do poder e a maneira como ele se difunde entre os diversos atores do sistema internacional (NYE, 2011, p. 76). Tal propriedade de força pode agora ser, portanto, posta em prática através do ciberataque e da ciber guerra, essas podendo ser mecanismos da guerra híbrida, por exemplo, em que esses afetam diversos campos, como a guerra, a economia, entre outros.

O objetivo do ciberataque é, como afirmado por Cano (2020, p. 70), “*crear incierto e inestabilidad para que la organización o nación actúe de forma errática y abra más espacios de acción para el agente agresor*”<sup>6</sup>. Diante disso, o uso desse instrumento foi crescendo ao longo dos anos, em que cada vez mais indivíduos e até mesmo Estados Nacionais passaram a se utilizar desses para alcançar os seus objetivos. Tal crescimento pode ser explicado pela facilidade e baixo custo que se tem para fazer parte desse espaço (NYE, 2011, p. 83).

O primeiro ciberataque que foi, assim, de fato considerado ocorreu em 1994. Esse foi realizado por dois jovens que conseguiram invadir o *the Rome Laboratories* um dos mais importantes sistemas da Força Aérea Americana (SPRINGER, 2015, p. 19). Tal ocorrência fez com que, a partir disso, eles revelassem as vulnerabilidades em quesito técnico que existiam na principal e mais poderosa potência mundial e levaram demais pessoas a conclusão de que esses tipos de vulnerabilidades existiam também nos sistemas de outros países e instituições poderosas. Entretanto, a reflexão mais importante que esses *hackers* trouxeram ao mundo foi o fato de que as leis de âmbito internacional e doméstico não tinham sido planejadas para “punir” e combater ataques cibernéticos, sendo apenas a partir dessa primeira ocorrência que o Congresso Norte-Americano denominou um orçamento e formulou as primeiras medidas para se “defender” o ciberespaço. Entretanto, essas ainda assim não foram adequadas e totalmente efetivas, o que levou a diversos outros ataques *hackers* ao longo dos anos, como foi, por

---

<sup>5</sup> De acordo com Nye (2011), ciber poder é a habilidade de obter resultados, dentro ou fora do ciberespaço, através do uso de diversos recursos tecnológicos e de informação interconectados eletronicamente no ciberespaço.

<sup>6</sup> Tradução livre: “A dinâmica de um ataque cibernético é criar incerteza e instabilidade para que a organização ou nação atue de forma errática e abra mais espaços de ação para o agente agressor.”

exemplo, o caso do “*Moonlight Maze*<sup>7</sup>” (SPRINGER, 2015, p. 21) investigado nos anos 2000 pelo FBI. Essa não efetividade das ações tomadas fez com que ciberataques crescessem de forma exponencial ao longo do globo e, os prejuízos que esses trazem, custasse um grande montante.

Ainda abordando sobre o caso “*Moonlight Maze*”, tem-se, pelo estudiosos e especialistas da área de cibersegurança, investigações que apontam que o sujeito de tal ação foram cidadãos russos, o que mostra que tal potência foi uma das pioneiras nessa questão e que esse seria apenas o primeiro ataque em uma série de outros que iriam acontecer e que iriam levar até mesmo ao nível de ser utilizado como um meio de guerra híbrida e de ciberguerra, como foi o que aconteceu durante a anexação da Crimeia em 2014 (DOURADO, 2020; RAMOS, 2019; OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020). Ademais, tal conclusão foi negada pelo Governo Russo e, a partir disso, refletiu-se quanto a um dos maiores desafios do ciberespaço: o anonimato, em que pode muitas vezes ser encoberto pelo Estado que se beneficia e até mesmo patrocina o ataque (NYE, 2011, p. 78). Esse anonimato dificulta, portanto, a definição de quem é o responsável pela ação e a consequente “punição” que poderia ocorrer, o que complexifica que medidas para a defesa nesse tipo de investida existam.

Ademais, uma outra adversidade que existe quanto ao ciber campo é o fato de que as disfunções que ocorrem dentro dele podem ser realizadas por qualquer tipo de pessoa, o único requisito para ser um *hacker* ou realizar um ciberataque pontual é ter acesso a um computador e ter o mínimo de conhecimento, que hoje em dia e com o avanço da *deep web* pode ser adquirido dentro da própria internet, por exemplo, para realizar tal ação. Desse modo, percebe-se que ocorre uma difusão de poder (NYE, 2011, p. 76-77), visto que tal atentados contra um outro ator no sistema internacional não mais são feitas apenas por um Estado inimigo, mas também por agentes externos. Isso pode ser comprovado com o caso do *Solar Sunrise*, em que “[...] *three high school students using commercially available computers could access some of the most sensitive computer files in the nation gave pause to cyber security experts*” (SINGER, 2015).<sup>8</sup>

---

<sup>7</sup> Foi uma série de ataques de hackers iniciados em meados de 1996 contra redes governamentais, acadêmicas e corporativas norte-americanas. Os investigadores alegaram que, se todas as informações roubadas fossem impressas e empilhadas, seriam três vezes a altura do Monumento a Washington. Esses ataques não foram descobertos até 2000, e os culpados nunca foram identificados, embora essas ações tenham sido rastreadas a um servidor na Rússia.

<sup>8</sup> Tradução livre: “Três estudantes do ensino médio usando computadores disponíveis comercialmente acessaram alguns dos arquivos de computador mais confidenciais do país e deram uma “pausa” aos especialistas em segurança cibernética.”

Um outro grande fator que mostra a força dos *hackers* e o nível que um ciberataque pode chegar ocorreu durante a operação da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) contra as forças do até então presidente sérvio Slobodan Milosevic que tinham adentrado a província do Kosovo.

When NATO airplanes began bombing Serbian ground troops, Serbian hackers infiltrated the NATO web and e-mail servers, knocking both offline and complicating the command-and-control process for the air campaign. When an errant “smart bomb” programmed with incorrect GPS coordinates landed in the Chinese embassy compound in Belgrade, Chinese hacker militias immediately swung into action. They launched massive distributed denial of service (DDoS) attacks against U.S. government and military websites and shut down or defaced hundreds of them in the weeks after the incident<sup>9</sup> (SINGER, 2015).

Tal ação, que ocorreu em meados de 1999, demonstra o fato de que nem mesmo as grandes potências militares estavam preparadas para ataques cibernéticos. Esse fato ocorre principalmente pelo ponto em que, por ser uma realidade nova, não era considerada como real ameaça e não se sabia os impactos que ela poderia causar. Entretanto, como iremos observar ao longo do estudo, esse sentimento se perpetua até hoje, em que pode-se observar essa falta de atitudes em eventos recentes, como o ocorrido em 2014 na Ucrânia, visto que a Crimeia sofreu com esses ataques e Kiev não soube como respondê-los. Ademais, pode-se observar até mesmo em eventos passados que as medidas tomadas para evitar tais situações não são efetivas o suficiente, uma vez que ainda que em 1994 os EUA tenham sofrido um ataque, apesar disso, eles não estabeleceram fortes mecanismos e desenvolveram ideias para evitar uma repetição da ocorrência dentro da OTAN, organização a qual eles fazem parte.

Um outro ponto que deve ser considerado após esse evento contra essa organização intergovernamental, é a dinamicidade que esse meio comunicacional possui e essa mesma fluidez pode-se também ser vista no modo como os ciberataques acontecem e como os mecanismos que eles utilizam evoluem rapidamente.

Um outro evento de extrema importância para a evolução desse tipo e esse evento foi o Conficker. Esse foi encabeçado por cidadãos da Ucrânia e é considerada a primeira ciberguerra (SINGER, 2015, p. 24). Pode-se considerar que essa foi, então, uma das etapas que levou a

---

<sup>9</sup> Tradução livre: “Quando os aviões da OTAN começaram a bombardear as tropas terrestres sérvias, hackers sérvios se infiltraram na web e nos servidores de e-mail da OTAN, deixando ambos offline e complicando o processo de comando e controle para a campanha aérea. Quando uma “bomba inteligente” errante programada com coordenadas GPS incorretas pousou no complexo da embaixada chinesa em Belgrado, as milícias hackers chinesas imediatamente entraram em ação. Eles lançaram ataques massivos de negação de serviço distribuído (DDoS) contra sites do governo e militares dos EUA e fecharam ou desfiguraram centenas deles no semanas após o incidente.”

eventos ainda mais recentes e que são o foco de estudo dessa pesquisa: o uso da ciberguerra, por meio de ciberataques, na anexação da Crimeia em 2014.

Visto que ainda em 1832, Clausewitz afirmou que, além da guerra ser a política por outros meios, ela seria também um ato de força que obriga o inimigo de um determinado a fazer a vontade dele (CLAUSEWITZ, 1832, p. 91). Diante disso, percebe-se, então, que o meio cibernético, esse sendo um meio não convencional e um domínio diferente do poder terrestre, marítimo e aéreo em que já se tem o conhecimento do funcionamento e de várias consequências que podem ser causadas através desses, e as ações utilizadas por um país para com o outro pode levar a existência do que é conhecido atualmente como ciberguerra e essa pode ser sim caracterizada como uma guerra. Esse termo, como definido por Clarke e Knake (2010), é usado para se referir “[...] *to actions by a nation-state to penetrate another nation’s computers or networks for the purposes of causing damage or disruption*”<sup>10</sup>. Ademais, autores como Libicki (2009) ainda acreditam que esse tipo de instrumento pode ser utilizado de maneira estratégica, quando nenhuma outra hostilidade está em andamento ou quando está de maneira secundária a ciberguerra, ou operacional, quando esse mecanismo oferece suporte a operações militares que estão ocorrendo, ou seja, quando a mesma é utilizada numa guerra híbrida. Entretanto, alguns outros autores, como Rid (2011 *apud* ASSUNÇÃO, 2022, p. 12), acreditam que esse tipo de conflito não possui aspectos de guerra, uma vez que um dos principais e mais marcantes aspectos de uma beligerância é a violência, mais especificamente a letalidade, e, para esse estudioso, a ciberguerra não possui esse atributo.

Apesar das características inovadoras, o conflito no campo cibernético permanece com os mesmos fins que existem nas guerras tradicionais: a busca do objetivo político, a presença da violência e a busca pelo dano físico ou destruição do inimigo. Entretanto, uma vez que ainda não se tem total definição de quando ela se inicia e de quando ela termina, isso acaba, em alguns momentos, por dificultar a classificação de um ciberataque como uma ciberguerra. Porém, pode-se ter a ideia inicial de que para uma *cyber war* iniciar-se, precisa-se que ocorra antes o *cyber attack* (STONE, 2013 *apud* ASSUNÇÃO, 2022, p. 12).

---

<sup>10</sup> Tradução livre: “As ações de um estado-nação para penetrar nos computadores ou redes de outra nação com o objetivo de causar danos ou interrupções.”

## 2.5 CIBERGUERRA E SUA ANÁLISE A PARTIR DE ESCOLAS TEÓRICAS

Percebe-se, portanto, que a ciberguerra e o ciberataque podem ser mecanismos que um Estado pode utilizar para garantir aspectos teorizados por Mearsheimer.

Assim como é caracterizado o sistema internacional ofensivo, trazendo para um campo mais micro e centrado, percebe-se que o ciber campo também é marcado pela anarquia, visto que em diversas ações já ocorridas não tem-se uma certeza de quem realizou o ataque e também não se existe uma agência internacional julgadora de ações ciber criminosas que funcionaria de maneira semelhante ao Tribunal Internacional de Justiça, por exemplo. Tal realidade é ainda mais fortalecida devido a facilidade que se existe hoje em dia em se possuir um computador ou qualquer outro aparelho que possibilite a atividade de qualquer indivíduo no ciberespaço, chega-se à conclusão, afirmada por Nye (2011), de que

world politics will not be the sole province of governments. As the cost of computing and communication comes down, the barriers to entry decline. Both individuals and private organizations, ranging from corporations to NGOs to terrorists, are empowered to play direct roles in world politics. [...] The speed of Internet time means all governments have less control of their agendas. Political leaders will enjoy fewer degrees of freedom before they must respond to events, and then they will have to share the stage with more actors. (NYE, 2011, p. 76-77)<sup>11</sup>

Tal realidade anárquica atualmente também é aprofundada devido à constante mudança que pode ocorrer no ciber campo. Isso porque *hacker*, de acordo com Nye (2011), desenvolvem, através de códigos, alterações na internet que acabam por estar além do limite e em alguns momentos até do conhecimento de instituições.

Além disso, quanto ao aspecto de maximização de poder, *great powers* e, conseqüentemente, sobrevivência, observa-se que atualmente, sendo a Rússia o maior exemplo, países perceberam que a potencialização dessa força poderia ser alcançada através do uso do ciberespaço. Por isso, observa-se ações como a efetuada por Moscou em 2014 contra a Ucrânia, sendo essa o foco de estudo dessa pesquisa, como formas em que um Estado buscou ter um domínio na região e, conseqüentemente, garantir sua sobrevivência através do uso de elementos de ciberguerra e ciberataque. Entretanto, apesar dessa ampliação no poder que o ciber campo

---

<sup>11</sup> Tradução livre: "A política mundial não será a única província dos governos. À medida que o custo da computação e da comunicação diminui, as barreiras à entrada diminuem. Tanto indivíduos quanto organizações privadas, desde corporações a ONGs e terroristas, têm o poder de desempenhar papéis diretos na política mundial. [...] A velocidade do tempo da Internet significa que todos os governos têm menos controle de suas agendas. Os líderes políticos desfrutam de menos graus de liberdade antes de responderem aos eventos e, então, terão que dividir o palco com mais atores."

traz a um Estado, faz-se importante mencionar que ele também ajuda a participação das nações menores na disputa por demonstrar o seu poder no sistema internacional, o que, de certa maneira, apesar de dar ainda mais força aos já poderosos, também os deixam vulneráveis em um certo aspecto, visto que

information systems create vulnerabilities for rich states by adding lucrative and easily disrupted targets for terrorist groups. And nongovernmental actors such as Wikileaks collect and disseminate sensitive information that complicates military campaigns. It's conceivable that a sophisticated adversary (such as a small country with cyberwarfare resources) will decide it can blackmail large states. There is also the prospect of state-sponsored "freelance" or "privateer" cyberattacks.<sup>12</sup> (NYE, 2011, p. 77-78)

Ademais, ainda abordando o conceito de maximização, pode-se observar o uso do ciberespaço como um meio de alcançar esse fim na ação russa de 2014, uma vez que o Estado Russo fez uso de diversas estratégias tecnológicas e no ciberespaço para alcançar o seu objetivo de maximização de poder e, conseqüentemente, sobrevivência, a partir da anexação do território da Crimeia. Essa anexação e "aumento do território" feito por Moscou utilizando de mecanismos de ciberataque ainda associa-se à ideia de Ratzel sobre a ideia de um maior território para garantir a continuidade de uma nação.

---

<sup>12</sup> Tradução livre: "Os sistemas de informação criam vulnerabilidades para os estados ricos, adicionando alvos lucrativos e facilmente destrutivos para grupos terroristas. E atores não governamentais como o Wikileaks coletam e divulgam informações confidenciais que complicam as campanhas militares. É concebível que um adversário sofisticado (como um pequeno país com recursos de guerra cibernética) decida que pode chantagear grandes estados. Há também a perspectiva de ataques cibernéticos "freelance" ou "corsários" patrocinados pelo Estado."

### 3. A HISTÓRIA DA RÚSSIA E UCRÂNIA E O ACONTECIMENTO DE 2014

Objetivando compreender de maneira assertiva e conceder a base para o conhecimento sobre a ação russa em 2014, sendo essa o foco deste estudo, este capítulo busca realizar uma análise histórica sobre a relação entre os dois Estados Nacionais. Diante disso, realizou-se uma análise sobre o relacionamento da Rússia e Ucrânia ao longo dos anos, abordando desde o período da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS) até a sua independência e a consequência dessa autonomia para Kiev (a desnuclearização). Ademais, relata-se também a história da região da Crimeia abordando e, como último tópico, o ano de 2014 e os eventos que antecederam esse ano, mas que foram de fundamental para a realidade que se passou na Ucrânia e na República Autônoma da Crimeia durante o período mencionado.

#### 3.1 RÚSSIA-UCRÂNIA

Ocorrida em 1917 durante o período da Primeira Guerra Mundial, no maior país da Europa e em um dos mais importantes impérios da época, a conhecida “Revolução Russa” e a consequente instalação do socialismo naquele país, levou a fundação de um dos atores mais importantes para o século XX: a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS).

Esse evento, encabeçado por líderes como Lenin (líder do partido Bolchevique) e Martov (líder do partido Menchevique), inspirava-se nas ideias marxistas de Karl Marx, mas, apesar disso, tem-se que

todos tinham como igualmente certo que uma revolução da Rússia não podia e não seria socialista. As condições para uma tal transformação simplesmente não estavam presentes num país camponês que era um sinônimo de pobreza, ignorância e atraso, e onde o proletariado industrial, o predestinado coveiro do capitalismo de Marx, era apenas uma minúscula minoria, embora estrategicamente localizada. (HOBSBAWN, 1994, p. 64).

Desse modo, chega-se percebe-se que a finalidade da revolução era, na verdade, uma luta de classes entre a burguesia e o proletariado em outras condições políticas e que levaria a revolução proletária, em que essa iniciaria-se na Rússia como um “detonador” e, pelo que era esperado, espalharia-se pelo resto dos países ocidentais mais industrializados (HOBSBAWN, 1994, p. 64). A partir disso, existiria no mundo as devidas condições para que ocorresse uma revolução socialista proletária.

Entretanto, apesar de ser essa o objetivo final por seus líderes,

A reivindicação básica dos pobres da cidade era pão, e a dos operários, entre elas, melhores salários e menos horas de trabalho. A reivindicação básica dos 80% de russos que viviam da agricultura era, como sempre, terra. Todos concordavam que queriam o fim da guerra, embora a massa de soldados camponeses que formava o exército não fosse a princípio contra a luta como tal, mas contra a severa disciplina e maltrato de outros soldados. (HOBBSAWN, 1994, p. 68)

Com esse objetivo, portanto, a massa, composta por liberais, burgueses e socialistas, depuseram em março daquele ano o czar Nicolau II e sua família, acabando, portanto, com uma era de imperialismo russo e dando início, conseqüentemente, à Revolução Russa marcada por governos provisórios e a criação da URSS.

Na Ucrânia, país que faz fronteira com a Rússia e é o segundo maior país da Europa Oriental, a notícia da queda do Czar chegou a Kiev em 13 de março de 1917 e, a partir disso, foi formulado pelos principais representantes dos órgãos e instituições da cidade um Comitê Executivo com o objetivo de manter a ordem e servir como uma “extensão” do Governo Provisório estabelecido em Petrogrado (atual São Petersburgo), mas agora em Kiev. Além disso, uma consequência do evento russo foi o fato de que surgiram movimentos com caráter nacionalista e outros de cunho esquerdista. (SUBTELNY, 2009, p. 345)

Um dos principais movimentos da época foi a Central Rada. Esse foi criado por liberais moderados, por membros do Partido Revolucionário Socialista Ucrâniano, mas logo conquistou o apoio de grande parte da população. Desse modo, tal grupo passou a não ser considerado apenas representante de alguns ucranianos, mas como o parlamento da Ucrânia. (SUBTELNY, 2009, p. 345)

Com esse poder participativo que a Central Rada estava possuindo e o fato de que, de acordo com Subtelny (2009, p. 345-348), grande parte da população acreditava que esse movimento seria mais efetivo e ideal do que um governo em Petrogrado, a população russa que vivia na Ucrânia e no próprio Estado Russo temia que esse poder político que estava cada vez mais forte em Kiev levasse a desintegração de uma “única Rússia”, essa formada com a instalação da URSS. Entretanto, tal temor russo possuiu ainda mais embasamento após o movimento nacionalista lançar o seu primeiro manifesto, em que declarava *"let Ukraine be free. Without separating entirely from Russia, without severing connections with the Russian state, let the Ukrainian people have the right to order their own lives in their own land* (SUBTELNY, 2009, p. 346)."<sup>13</sup> Logo após o lançamento desse documento, a Central Rada formou uma secretaria-geral que funcionaria como o poder executivo do país, assumindo, portanto, a função

---

<sup>13</sup> Tradução livre: "Deixe a Ucrânia ser livre. Sem se separar totalmente da Rússia, sem cortar as conexões com o estado russo, deixe o povo ucraniano ter o direito de ordenar suas próprias vidas em sua própria terra."

de administrar a Ucrânia. Essa, inicialmente, não teve apoio da Rússia que tentou negociar com Kiev quanto a esse poder administrativo, mas, visto o insucesso de Moscou nas negociações, foi “forçada” a aceitar essa realidade, passar a participar com alguns de seus cidadãos e reconhecer tal secretaria, o que marcou a autoridade e influência da Central Rada naquele país e também acabou marcando o início de uma pequena autonomia para a Ucrânia.

Entretanto, apesar do sucesso que tinha conquistado, tempos depois esse movimento começou a apresentar sinais de esgotamento. Esse fracasso foi causado pela

[...] sorely lacking in leadership. [...] It also failed to address effectively the burning issue of land redistribution. Consequently, the initial unity that the Ukrainians had exhibited earlier soon broke down and the political and ideological conflicts between the dominant Social Democrats and the numerous Socialist Revolutionaries in the Central Rada became intense. Immersed in futile debates and feuds and rarely venturing into the countryside (where their authority had always been limited to the environs of Kiev and some of the larger cities) Central Rada members lost the contact with the masses that had been established briefly by means of the various congresses. Each locality now took care of its own affairs as best it could. (SUBTELNY, 2009, p. 347)<sup>14</sup>

Além disso, o curso que a história da Ucrânia seguiu também foi causado pela falta de um poder militar adequado, visto que, de acordo com Subtelny (2009), sem um exército efetivo e uma burocracia representada por uma liderança, o governo era praticamente impossível, o que fez com que facilitasse a entrada da força russa naquele país.

Durante Outubro de 1917, com a conhecida Revolução de Outubro, graças a forte disciplina, o forte comprometimento daqueles que participavam e a figura revolucionária do seu líder, Lênin, os bolcheviques em 7 de novembro de 1917, com o lema “todo poder para os Sovietes<sup>15</sup>”, tomam o poder do Governo Provisório que existia em Moscou e passam a governar o país. Esses também, apesar de não serem maioria no país vizinho, visto que, segundo Subtelny (2009, p. 349), a Ucrânia não possuía um grande número de cidadãos que podiam ser classificados como proletários, ingressam no país em dezembro de 1917 iniciando seu domínio

---

<sup>14</sup> Tradução livre: “[...] carente de liderança. [...] Ele também falhou em abordar efetivamente a questão candente da redistribuição de terras. Consequentemente, a unidade inicial que os ucranianos haviam exibido anteriormente logo se desfez e os conflitos políticos e ideológicos entre os social-democratas dominantes e os numerosos socialistas revolucionários na Rada Central tornaram-se intensos. Imersos em fúteis debates e rixas e raramente se aventurando no campo (onde sua autoridade sempre se limitou aos arredores de Kiev e algumas das cidades maiores), os membros da Rada Central perderam o contato com as massas que havia sido estabelecido brevemente por meio do diversos congressos. Cada localidade agora cuidava de seus próprios assuntos da melhor maneira possível.”

<sup>15</sup> Sovietes eram conselhos políticos formados pelas classes mais populares, que lutavam pela reforma agrária e direitos trabalhistas.

na Ucrânia e tornando o país uma República Soviética da Ucrânia que, depois com a criação da URSS, torna-se-a oficialmente uma República da União Soviética.

Tal domínio iniciou-se de maneira gradual. Bolcheviques que faziam parte da sociedade ucraniana percebiam que não existia uma identidade nacional de fato no país e, além disso, eles não apoiavam o movimento ucraniano, visto

As Marxists, they feared that it would undermine the unity of the working class; as members of a dominant minority, they felt threatened by the mobilization of a previously quiescent majority; and as city people, they were contemptuous of a movement based on the peasantry.<sup>16</sup> (SUBTELNY, 2009, p. 349)

Diante disso, como exposto por Subtelny (2009, p. 349), iniciou-se um processo de apoio a força política ucraniana em conjunto com uma inserção dos bolcheviques na sociedade ucraniana a fim de que, a partir disso, eles pudessem intervir no movimento ucraniano e impedir que houvesse qualquer impedimento para a revolução proletária. Essa participação russa tornou-se visível quando os bolcheviques passaram a participar da Central Rada (que na época era o parlamento ucraniano). Apesar dessa atuação, isso não impediu que, em novembro de 1917, o parlamento publicasse o terceiro manifesto que estabelecia uma República Ucraniana autônoma, o que, para os russos, ameaçava a revolução e a manutenção de uma só unidade. Entretanto, ainda que isso não fosse o desejo dos bolcheviques, eles temporariamente reconheceram essa autonomia até meados de dezembro daquele mesmo ano, quando os bolcheviques, a partir das eleições que ocorreram, viram que não conseguiriam impor suas vontades naquele país. Diante disso, para garantirem que seus objetivos fossem postos em prática, eles tomaram o poder e marcharam para Kiev, proclamando, como mencionado anteriormente, a República Soviética da Ucrânia.

Apesar do ingresso russo em Kiev, os soviéticos ucranianos eram, ainda assim em teoria, tratados como um governo que possuía soberania e autonomia, o que fez com que eles realizassem acordos por conta própria, tornassem responsáveis pelo seu comércio e idealizassem a criação de um exército próprio. Ademais, no final de 1922, iniciou-se em Moscou um debate, esse motivado pelo fato de que existia parte da população ucraniana pró-comunismo e que apoiavam as ideias bolcheviques, sobre como deveria ser o relacionamento oficial entre a Rússia, a Ucrânia, a Bielorrússia e outros países satélites de Moscou espalhados

---

<sup>16</sup> Tradução livre: “Como marxistas, eles temiam que isso minasse a unidade da classe trabalhadora; como membros de uma minoria dominante, eles se sentiram ameaçados pela mobilização de uma maioria anteriormente inerte; e como pessoas da cidade, eles desprezavam um movimento baseado no campesinato.”

pela Europa. Diante disso, foi pensado pelo partido bolchevique, principalmente por Lenin, a criação de uma estrutura federalista que seria centralizada e permitiria que o controle político se centralizasse nas mãos russas e, com isso, em dezembro de 1922, esses países se tornaram a conhecida URSS. (SUBTELNY, 2009, p. 383-387).

Observando que as ideias de Josef Stalin, que já ascendia ao poder visto a fraca saúde de Lenin, quanto a uma centralização mais forte através da absorção de outras repúblicas soviéticas a uma única e grande Rússia ameaçavam a força do partido bolchevique, em especial em relação aqueles que estavam fora de Moscou, Lênin idealizou e buscou estabelecer uma “união de iguais” e o fato de que a união ao bloco seria de forma “voluntária”. Isso fazia, portanto, com que países, como a Ucrânia por exemplo,

had, in theory, exclusive jurisdiction in its republic over agriculture, internal affairs, justice, education, health, and social welfare. It was to share authority with the all-union government over matters relating to food, labor, finance, inspections, and national economy.<sup>17</sup> (SUBTELNY, 2009, p. 385)

Porém, temas como relações exteriores, forças armadas, transporte, comércio exterior e comunicações ficariam sob domínio do governo de todos os sindicatos com sede na Rússia.

Essa realidade apenas sofreu mudanças a partir de 1991, isso porque foi nesse ano que a Ucrânia buscou e declarou a sua independência. A população ucraniana já nutria um sentimento anti-soviético desde meados de 1932, visto que o governo soviético decidiu implantar uma política de coletivização da agricultura que acabou por gerar uma grande fome devido ao fato de que, de acordo com Cunha (2016), “*os integrantes das fazendas coletivas não estavam autorizados a receber grãos até completarem as suas inflacionadas quotas de produção*”. Isso acabou, portanto, a causar a morte de milhões de pessoas, evento esse que se tornou conhecido como Holodomor (“a grande fome”). Ademais, a partir do desastre de Chernobyl, em 1986, os ucranianos começaram a nutrir um sentimento de descontentamento ainda mais forte contra os russos, visto a forma inadequada e trágica que o governo de Moscou conduziu a situação. Diante disso, começaram a surgir grupos nacionalistas ucranianos que se aproveitavam do fato de que a URSS estava buscando se “modernizar” com a ajuda das políticas adotadas pelo seu governante da época e, a partir disso, lutavam por uma Ucrânia independente. Esse foi o caso do Rukh, por exemplo, que era um movimento de apoio popular à *Perestroika*

---

<sup>17</sup> Tradução livre: “Tinha, em teoria, jurisdição exclusiva em sua república sobre agricultura, assuntos internos, justiça, educação, saúde e bem-estar social. Era para compartilhar autoridade com o governo de toda a união sobre assuntos relacionados a alimentação, trabalho, finanças, inspeções e economia nacional.”

(política de abertura econômica) e a *Glasnost* (abertura política) de Gorbachev e que realizavam mobilizações contra a URSS e lutavam por uma Ucrânia livre das ordens da Rússia (SUBTELNY, 2009, p. 576). Uma das principais consequências da *glasnost*, de acordo com Subtelny (2009, p. 574) foi que ela se tornou uma possibilidade para que a população pudesse clamar pelas suas reivindicações e desejos, além de ter possibilitado que notícias que até então era omitidas, pudessem chegar ao conhecimento da população, como foi o caso de que a população ucraniana tomou conhecimento da negligência do governo de Moscou em relação a Chernobyl, o que fez os sentimentos contra a URSS aflorarem.

Além disso, parte da população russa conservadora, em especial os integrantes do partido comunista, não aceitou as reformas propostas por Gorbachev afirmando que a deterioração econômica presente no seio da sociedade era resultado de “*ill conceived and chaotic reforms*”<sup>18</sup> e buscavam, dessa maneira, a manutenção do sistema soviético na sua forma original (SUBTELNY, 2009, p. 579). Dessa forma, em 19 de agosto de 1991, tal grupo realizou uma tentativa de reestruturar o sistema soviético em sua forma original proclamando, após deter Gorbachev na Crimeia, um Estado de Emergência na Ucrânia e formularam um Comitê de Emergência para governar o país, realizando, assim, uma tentativa de golpe (SUBTELNY, 2009, p. 581). Apesar de ter contado com ajuda militar e da KGB, o grupo conservador não teve sucesso no seu empreendimento devido a um mau planejamento do projeto e também da forte oposição do presidente do Partido Republicano Russo, Boris Yeltsin, e seus aliados. Aproveitando tal oposição no próprio território russo, Leonid Kravchuk, que era o líder do parlamento e mais tarde se tornou o primeiro presidente da Ucrânia livre (OLIVEIRA, 2016, p. 35), apesar de não ter feito declarações sobre o Comitê de Emergência, declarou que o estado de emergência era inaplicável à Ucrânia. Porém, apesar de não ter tido sucesso, ele foi, em conjunto ao sentimento anti-URSS que existia no território ucraniano, de fundamental importância para a independência do país. De acordo com Subtelny (2009, p. 581),

the failed coup created an opportunity for those who were dissatisfied with Moscow's rule to cast it off. Ukraine, particularly the democrats in parliament, seized the opportunity in dramatic fashion: on 24 August 1991, the Ukrainian parliament, by an almost unanimous vote, proclaimed the independence of the republic.<sup>19</sup>

---

<sup>18</sup> Tradução livre: “Reformas mal concebidas e caóticas”

<sup>19</sup> Tradução livre: “O golpe fracassado criou uma oportunidade para aqueles que estavam insatisfeitos com o governo de Moscou se livrarem dele. A Ucrânia, particularmente os democratas no parlamento, aproveitou a oportunidade de forma dramática: em 24 de agosto de 1991, o parlamento ucraniano, por votação quase unânime, proclamou a independência da república.”

Como uma das principais consequências desse ato, a Ucrânia, que até aquele momento possuía o terceiro maior estoque de armamento nuclear do mundo, optou por “ceder” o seu arsenal a Rússia a fim de assegurar garantias em relação a segurança frente a ameaças contra sua integridade territorial (ou seja, o se respeitaria a soberania e as fronteiras existentes da Ucrânia) e também como forma de garantir o reconhecimento da sua independência política.<sup>20</sup> Diante disso, foi assinado em 1994, entre a Rússia, Belarússia, Cazaquistão e Ucrânia, com o Reino Unido e os Estados Unidos como asseguradores, o Memorando de Budapeste. A partir desse a Ucrânia, de acordo com Paraschnuck (2018, p. 15), cedeu cerca de 5000 bombas nucleares, 220 veículos de largo alcance, 176 mísseis balísticos de alcance intercontinental e 44 aviões de bombardeiro com capacidade nuclear. Desse modo, em 1996, Kiev já tinha devolvido todos esses equipamentos, tornando-se, assim, Estado desnuclearizado. Apesar desse acordo ter sido respeitado pela Ucrânia, a Rússia não manteve o mesmo comportamento como pôde ser visto em 2014 com a questão da Crimeia e agora em 2022.

### **3.2 A QUESTÃO DA CRIMEIA**

A Crimeia é uma península localizada na costa norte do Mar Negro e que se conecta ao território ucraniano através do Istmo de Perekop que liga o território da Crimeia a região ucraniana de Kherson.

Essa região é marcada pela sua diversidade étnica que causa, portanto, uma divisão quanto ao sentimento de identidade nacional que poderia ser encontrado naquela localidade. Ademais, um outro fator que afeta essa identidade é a questão de que nesse território, desde o início de sua existência, ocorreram diversos conflitos e disputas entre os mais diversos povos que nele habitavam (OLIVEIRA, 2016, p. 47). Em especial, essas desavenças eram protagonizadas principalmente pelos russos e ucranianos.

No início da sua existência, entre os anos de 1475 a 1774, a Crimeia pertenceu ao poderoso Império Otomano e foi objeto de disputa entre os polacos, os russos e os austríacos. Já em 1783, essa região passou a estar sob domínio russo, visto que ela foi integrada a Moscou por Catarina, “a grande”, e isso acabou por viabilizar a esse império o acesso ao Mar Negro e aos Estreitos de Bósforo e Dardanelos (OLIVEIRA, 2016, p. 47). Tal fato concedeu, portanto, o poderio marítimo que é tão fundamental para uma nação de acordo com a teoria de Mahan, uma vez que de acordo com esse estudioso, um país só poderia ser o hegemônico a partir do

---

<sup>20</sup> *Por que Ucrânia abriu mão de arsenal nuclear nos anos 1990.* 28 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60532668> Acesso em: 26 nov. 2022.

momento em que ele alcançasse poderio naval, sendo esse composto de uma marinha de guerra poderosa, comércio marítimo, eficientes bases navais e colônias, pontos que a Rússia pôde desenvolver e adquirir com a conquista dessa saída para o mar (MAFRA, 2006, p. 104-109). Ademais, foi a partir desse momento na história, que foi edificado o porto de Sebastopol, que existe até hoje e marca diversos momentos da relação Rússia-Ucrânia. Além disso, vale ressaltar que, visto a influência russa ter iniciado na Ucrânia desde essa integração feita por Catarina, a Crimeia passou, por consequência e visto o porto de Sebastopol estar lá localizado, a estar principalmente sob domínio e influência russa.

Essa realidade russa na península apenas passou a sofrer com mudanças e o “controle” de um outro país a partir de 1954, uma vez que foi nesse ano em que a governança e regulação do território foi passado para uma outra nação, a ucraniana (SASSE, 2007, p. 106). Sob o argumento de que tal repasse, encabeçado por Nikita Krushev, do território da Crimeia para a Ucrânia era um “presente” russo em comemoração aos 300 anos da unificação dos dois países (Tratado de Pereyaslav<sup>21</sup>), aquela península passa, portanto, a estar sob responsabilidade e governança de Kiev (KUZIO, 2000, p. 33). Além disso, segundo Sasse (2007, p. 109-111) ainda foi usado o argumento de que tal domínio pela Ucrânia Soviética daquela época também ajudaria em questões econômicas e no processo de desenvolvimento do país que agora iria ser o responsável pela península e da própria península, de que o território deveria ser responsabilidade de Kiev por conta da proximidade territorial e também por conta da ligação histórico-cultural que existia entre esse país e essa região. Como apresentado por Sasse (2007, p. 112), existem diversos indícios de que tal mudança foi um processo *top down*, ou seja, decretado pelos líderes do governo da URSS, mas sem a participação da população. Além disso, “*the transfer had all the hallmarks of a typical Soviet decision: no details seems random, every contribution at the different sessions was planned, and the outcome was evident from the beginning*”<sup>22</sup> (SASSE, 2007, p. 108).

Com a cessão por parte de Moscou, o governo ucraniano financiou a migração de alguns ucranianos para aquela nova região da Ucrânia, passou a existir na região as ideias propagadas

---

<sup>21</sup> As mais diversas lideranças que se encontravam no território ucraniano em 1654 (o rei polonês, o líder tártaro, o sultão otomano e o czar moscovita) observaram que era necessário uma liderança única para aquela região, para que, assim, os diversos povos que lá existiam convergissem. Após analisarem, eles decidiram que era o czar a melhor opção para governar o Estado e fazê-lo crescer e se desenvolver. Diante disso, eles assinaram na cidade de Pereyaslav o Tratado de Pereyaslav que se estabeleceu como um ponto importante para a história da Ucrânia, além de ter oficializado uma ligação entre Moscou e Kiev e ter sido o primeiro passo para a Rússia percorrer o seu caminho até ser tida como um *great power*. (SUBTELNY, 2009, p. 134-136)

<sup>22</sup> Tradução livre: “A transferência tinha todas as características de uma decisão soviética típica: nenhum detalhe parece aleatório, cada contribuição nas diferentes sessões foi planejada e o resultado foi evidente desde o início.”

e difundidas na Ucrânia Soviética, houve um desenvolvimento infraestrutural para que a península se conectasse à costa, entre outras ações. Ou seja, a partir disso percebe-se que Kiev defendeu mais uma vez o seu processo de “ucranização” (SASSE, 2007, p. 116-125).

Entretanto, apesar desse processo ter sido realizado, ele não agradou a todos e, conseqüentemente, sofreu algumas críticas, sendo assim considerado ilegal por alguns.

The USSR Constitution (Constitution of the Soviet Union) of 1936 indeed stipulates that alterations of boundaries between union republics fall under the jurisdiction of the highest organs of the USSR, namely the Supreme Soviet, unless specified otherwise, and that the territory of the union republics may not be changed without their consent. The RSFSR Constitution (Soviet Russia Constitution), in its variants of 1948 and 1952, declares that the establishment of new ASSRs (Autonomous Soviet Socialist Republic), oblasts, and krais within the RSFSR must be confirmed not only by the highest state organs of the RSFSR, but also by the Supreme Soviet of the USSR. [...] The territory of the RSFSR cannot be changed without “the consent of the RSFSR”. [...] The fact that the 1954 transfer decision was not approved by the RSFSR Supreme Soviet as a whole means that it contravened Soviet constitutional law. (SASSE, 2007, p. 112) <sup>23</sup>

A partir desses pontos, percebe-se que a Crimeia sempre esteve cercada por incertezas e mudanças, uma delas ocorreu já em anos mais recentes. Em 1995, a região defendeu a sua separação do resto da Ucrânia, que, para evitar que perdesse totalmente aquele território, cedeu o status de região autônoma com constituição própria àquela península. A partir disso, a Crimeia conquistou mais “liberdade” política, mas ainda era Kiev que possuía o território sob sua soberania (OLIVEIRA, 2016, p. 36). Uma outra mudança que atingiu a região por diversas vezes foi em relação ao porto de Sebastopol, visto que foram formulados diversos tratados que determinavam por quanto tempo tropas russas poderiam permanecer ali, mas que sempre eram refeitos e esses anos prolongados, como foi o assinado em 2010, sendo esse o caso mais recente, que prolongou até 2042 o domínio da Rússia sobre a base naval de Sebastopol (OLIVEIRA, 2016).

---

<sup>23</sup> Tradução livre: “A Constituição da URSS de 1936, de fato, estipula que as alterações de fronteiras entre repúblicas sindicais estão sob a jurisdição dos mais altos órgãos da URSS, ou seja, o Soviete Supremo, a menos que especificado de outra forma, e que o território das repúblicas sindicais não pode ser alterado sem o seu consentimento. . A Constituição da RSFSR, em suas variantes de 1948 e 1952, declara que o estabelecimento de novos ASSRs, oblasts e krais dentro da RSFSR deve ser confirmado não apenas pelos mais altos órgãos estatais da RSFSR, mas também pelo Soviete Supremo da URSS . [...] O território da RSFSR não pode ser alterado sem “o consentimento da RSFSR”. [...] O fato de a decisão de transferência de 1954 não ter sido aprovada pelo Soviete Supremo da RSFSR como um todo significa que ela violou a lei constitucional soviética.”

### 3.3 O ANO DE 2014 NA UCRÂNIA E NA CRIMEIA

Apesar da independência da Ucrânia e da Crimeia ter sido cedida oficialmente ao país de Kiev, a relação entre a Ucrânia como um todo (incluindo já a península da Crimeia) e a Rússia nunca foi de fato sem atritos.

Isso porque existe em muitos ucranianos um sentimento anti-russo, esse sendo causado por acontecimentos históricos que causaram a morte de muitos cidadãos da Ucrânia, como foi o caso do Holodomor e do desastre em Chernobyl, por exemplo. Apesar disso, ainda assim Kiev tentou manter relações amigáveis com o seu antigo centro dominador (a Ucrânia era consumidora e dependia do gás exportado pela Rússia), enquanto também buscava diversas maneiras de se aproximar da Europa Ocidental e o seu liberalismo e capitalismo. Apesar de todo esse sentimento nutrido pela Ucrânia e das diversas tentativas de se manter distante do poderio russo, esse antigo Império nunca desistiu do desejo de ter o seu vizinho e antiga República durante o período da URSS sob o seu domínio e zona de influência, buscando, desse modo, diversas maneiras de impedir uma aproximação de Kiev com o resto da Europa.

Ukrainian leadership and business interests sought to maintain cordial relations with Russia while simultaneously expanding economic ties and integration with Western Europe. Russia viewed the prospect of integration with the West as a threat to its sphere of influence and sought to compel Ukraine's membership in the Eurasian Economic Union (EEU) instead. (USAOC, 2015, p. 23) <sup>24</sup>

Entretanto, apesar desse sentimento de oposição ao governo russo, vale ainda salientar que, principalmente na região leste da Ucrânia e na Crimeia existe um número de russos étnicos e ucranianos pró-Rússia em uma quantidade considerada expressiva, essa configuração passou a existir depois principalmente da Segunda Guerra Mundial (USAOC, 2015, p. 22).

Apesar dos diversos momentos em que a oposição a Moscou pela Ucrânia ficou exposta para o sistema internacional e a relação entre esses dois países tenha ficado abalada de certa forma em períodos de anos anteriores, o ano de 2014 com o Euromaidan e com a anexação da Crimeia pela Rússia, foi um dos anos mais marcantes para a história recente.

Apesar da gota d'água para a relação entre esses países só ter se dado em 2014, a relação entre esses no século XXI já era marcada por uma tensão clara desde 2004. Após a independência da URSS, uma característica desse antigo bloco que ainda ficou intrínseca em

---

<sup>24</sup> Tradução livre: “A liderança ucraniana e os interesses comerciais buscavam manter relações cordiais com a Rússia, ao mesmo tempo em que expandiam os laços econômicos e a integração com a Europa Ocidental. A Rússia viu a perspectiva de integração com o Ocidente como uma ameaça à sua esfera de influência e procurou obrigar a adesão da Ucrânia à União Econômica da Eurásia (UEE).”

Kiev foi a corrupção, em que esse aspecto foi visto pela primeira vez na política ucraniana durante o governo de Leonid Kuchma, uma vez que esse governo, de acordo com a publicação do *United States Army Special Operations Command*, foi marcado por “*competing factions of wealthy oligarchs, public officials, and organized crime led to a decade of scandals, political murders, and election irregularities*” (USAOC, 2015, p. 23).<sup>25</sup> Por conta dessa insatisfação e a eleição presidencial entre Viktor Yanukovich e Viktor Yushchenko, a população ucraniana saiu às ruas no evento que ficou conhecido como Revolução Laranja.

Esse evento foi marcado por uma onda de protestos de massa e não-violentos, que se iniciaram a partir do momento em que Yanukovich ganhou as eleições para presidente no ano de 2004. Ele não foi aceito como governante pela população pelo fato de que a disputa que ele concorreu foram consideradas como fraudadas pela sociedade russa, visto que, durante a campanha, Yushchenko apresentou um quadro de saúde bastante grave e delicado, o que fez com que existisse a suspeita de que ele tinha sido envenenado pelos apoiadores russos de seu concorrente. Ademais, Yanukovich também não era aceito pela nação ucraniana pelo fato de que ele possuía uma aproximação com a Rússia em um momento em que um maior número da população defendia que a Ucrânia se aproximasse da União Europeia e de suas ideias liberais e capitalistas. Como resultado dessa mobilização da sociedade civil, Yanukovich permaneceu no poder por pouco tempo e foi realizada uma recontagem dos votos, o que concedeu a Yushchenko o poder do país (USAOC, 2015, p. 23).

Apesar de ter deixado o poder em 2004, aquela não foi a última vez que a figura de Yanukovich foi vista no cenário político Ucraniano. Isso porque “*Viktor Yanukovich was elected president of Ukraine in February 2010 in a narrow victory over Yulia Tymoshenko, and he shaped a majority government of mostly ethnic Russian parties with power bases in eastern Ukraine*”<sup>26</sup> (USAOC, 2015, p. 24). Ademais, vale ressaltar que o mandato de Yushchenko não agradou a maior parte da população, uma vez que o governo desse, assim como o de Kuchma, foi marcado por altos níveis de corrupção (KUZIO, 2015, p. 49-85).

Sendo assim, em 2010, Viktor Yanukovich torna-se novamente presidente da Ucrânia tendo como “meta” para o seu governo estabelecer relações com os dois principais lados e protagonistas do mundo: União Europeia e Rússia. Isso porque ele observava que naquele momento o país se encontrava ainda mais dividido, sendo essa divisão representada pela

---

<sup>25</sup> Tradução livre: “Facções concorrentes de oligarcas ricos, funcionários públicos e crime organizado levaram a uma década de escândalos, assassinatos políticos e irregularidades eleitorais”.

<sup>26</sup> Tradução livre: “Viktor Yanukovich foi eleito presidente da Ucrânia em fevereiro de 2010 em uma vitória apertada sobre Yulia Tymoshenko, e formou um governo majoritário de partidos de etnia russa com bases de poder no leste da Ucrânia.”

presença de partidos, como o Partido das Regiões (que era pró-Rússia), a Ukrainian Democratic Alliance for Reform (UDAR) e a Fatherland (sendo esses dois últimos pró-Europa Ocidental), e pelas ideias difundidas por eles. Diante disso, Yanukovich decidiu por estabelecer como sua política externa um tipo de neutralidade para a Ucrânia, levando-a a cooperar com países membros da OTAN, o que representaria uma aproximação com a Europa, e com a Rússia. Apesar dessa estratégia, ainda assim ele não possuía forte popularidade entre a sociedade, uma vez que a figura dele começou a ser vista como um tipo de ameaça à soberania da Ucrânia e ao desejo, que era presente na maior parte da população do país, de aproximação com a UE. Tal ponto de vista obteve ainda mais fundamento dentro da comunidade ucraniana a partir do momento em que o Tribunal Constitucional da Ucrânia, sob a liderança do presidente, revogou e considerou inconstitucional as emendas de 2004 que reduziram o poder do Executivo em favor da Rada e, principalmente, a partir das negociações que foram feitas com a Rússia em 2010 (USAOC, 2015, p. 26).

He sought to negotiate a more advantageous natural gas deal with Russia, and to that end he signed an agreement extending Russia's lease of Ukraine's Black Sea port facilities, including Sevastopol, in 2010. [...] Many in Ukraine viewed the continued presence of the Russian fleet in Sevastopol as an affront to Ukrainian sovereignty. But Yanukovich tried to sell the deal as an essential part of his strategy to further Ukrainian integration with Europe. He argued that to sustain loans from the International Monetary Fund (IMF) and to meet EU standards, the government had to keep expenditures under control. Measures in this direction included highly unpopular cuts in pensions and other social spending, but Yanukovich pointed to reduced natural gas prices as contributing to government savings. (USAOC, 2015, p. 27)<sup>27</sup>

A partir dessas ações e de outras, como a definição do idioma russo como uma das línguas oficiais da Ucrânia, o que era visto pelos nacionalistas ucranianos e pró-UE como uma forma de russificação do país, a oposição do presidente foi crescendo cada vez mais e ganhando mais força. Contudo, o ponto crítico da insatisfação da sociedade ucraniana, e que deu início a um dos mais importantes eventos para aquela nação no ano de 2014, iniciou-se quando Yanukovich, apesar de ter dado indícios de que estava disposto a assinar a integração com a UE, declarou que iria aprofundar as relações com Moscou (USAOC, 2015, p. 28). Diante disso, a população de Kiev que apoiava uma aproximação com a Europa Ocidental juntou-se em

---

<sup>27</sup> Tradução livre: “Ele procurou negociar um acordo de gás natural mais vantajoso com a Rússia e, para esse fim, assinou um acordo estendendo o arrendamento pela Rússia das instalações portuárias da Ucrânia no Mar Negro, incluindo Sevastopol, em 2010. [...] Muitos na Ucrânia viram a presença contínua de a frota russa em Sevastopol como uma afronta à soberania ucraniana. Mas Yanukovich tentou vender o acordo como parte essencial de sua estratégia para promover a integração ucraniana com a Europa. Ele argumentou que, para manter os empréstimos do Fundo Monetário Internacional (FMI) e cumprir os padrões da UE, o governo tinha de manter os gastos sob controle. Medidas nessa direção incluíram cortes altamente impopulares em pensões e outros gastos sociais, mas Yanukovich apontou a redução dos preços do gás natural como uma contribuição para a economia do governo.”

protestos não violentos na principal praça da capital do país, e que logo se espalharam para o resto da antiga República da URSS, dando início ao que ficou conhecido como Euromaidan (USAOC, 2015, p. 29).

Na tentativa de acalmar a oposição, o governo ucraniano e o governo russo estabeleceram um acordo econômico com a justificativa de que tal negociação aliviaria a economia ucraniana e a crise da dívida que ela possuía através do Tratado do Plano de Ação Ucrânia-Rússia. Esse, de acordo com a publicação das Forças Armadas Americanas sobre o ano de 2013 e 2014, *discounted Ukraine's natural gas purchases by a third and provided that Russia would buy \$15 billion in Ukrainian government bonds to alleviate the debt crisis* (USAOC, 2015, p. 29).<sup>28</sup> Apesar disso, ainda assim Yanukovich não conseguiu conquistar o apoio da nação em relação ao aprofundamento das relações com a Rússia. Diante disso, e visto que mesmo com legislações criadas para torná-los “ilegais”, os protestos apenas ganhavam cada vez mais apoio e pediam a deposição do presidente, iniciou-se, a partir da autorização do Ministro do Interior, o uso da força física pelas polícias do país, o que acabou por causar a morte de cidadãos ucranianos e dar ainda mais força aos nacionalistas ucranianos (USAOC, 2015, p. 29).

Observando que suas medidas não tinham tido sucesso e que as manifestações obtiveram ainda mais força, o presidente *“tried to negotiate with the opposition, offering to repeal the anti-protest laws, remove Prime Minister Azarov, grant amnesty for arrested protesters, and return to the limits on presidential power codified in the 2004 constitution”* (USAOC, 2015, p. 30).<sup>29</sup>

Entretanto, as negociações não tiveram sucesso e o número de vítimas por conta da repressão sofrida contra o Euromaidan acabou por crescer. Desse modo, o parlamento votou por retirar Yanukovich do poder e o agora ex-presidente se exilou na Rússia, o que levou a formulação de novas eleições presidenciais que elegeram Petro Poroshenko, um pró-UE, como o novo presidente do país. Ao subir ao poder, Poroshenko assinou o Acordo de Associação com a UE em 27 de junho de 2014 e, com isso, passou a sofrer resistência dos ucranianos pró-Rússia e os russos étnicos que viviam no país que alegavam que o seu governo era ilegal e fascista (USAOC, 2015, p. 30-31).

---

<sup>28</sup> Tradução livre: “Desconto nas compras de gás natural da Ucrânia em um terço e garantiu que a Rússia compraria US\$ 15 bilhões em títulos do governo ucraniano para aliviar a crise da dívida.”

<sup>29</sup> Tradução livre: “Tentou negociar com a oposição, oferecendo-se para revogar as leis antiprotesto, remover o primeiro-ministro Azarov, conceder anistia aos manifestantes presos e retornar aos limites do poder presidencial codificados na constituição de 2004.”

A partir disso, o foco político e internacional tornou-se a Crimeia, uma vez que essa região já tinha “se rebelado” contra a Ucrânia anos antes e buscado se alinhar com Moscou e porque sua população, pelo censo ucraniano de 2001<sup>30</sup>, era de cerca de 58,5% de cidadãos que se consideravam russos. Após a saída de Yanukovich do poder e a chegada de Poroshenko à liderança da Ucrânia, o sentimento pró-Rússia tornou-se ainda mais forte na República Autônoma da Crimeia. Tal sensação foi demonstrada a partir do fortalecimento das atividades paramilitares que apelaram a Rússia por ajuda, visto que a população russa e pró-Rússia na Crimeia afirmavam que o governo ucraniano era fascista e estava colocando os russos étnicos em perigo. Isso fez com que Moscou se mobilizasse e passasse a enviar seus soldados armados (esses eram conhecidos como “little green men”) que começaram a trabalhar junto com as milícias que existiam na região, tomando prédios do governo, instalações militares e outros pontos (USAOC, 2015, p. 31). Entretanto, faz-se necessário mencionar que a motivação russa em todo esse evento na Crimeia vai além da apenas defesa dos seus cidadãos, como pode ser observado na análise feita pelo exército norte-americano

Russia’s intervention into Ukraine and its annexation of Crimea in 2014 stem from a combination of motivations, fears, and interests that drew strength from the period of *pozor* (shame) in the early 1990s. [...] The strategic factors that led to Russian aggression in Ukraine included domestic politics, reaction to the expansion of the EU and NATO, the strategic value of the Black Sea, Russia’s need to maintain influence in peripheral states as a buffer against Western invasion, and President Putin’s desire to strengthen the new EEU in the former Soviet sphere of influence. Each of these factors contributed to Moscow’s mandate for intervention under the umbrella imperative to reclaim Russia’s status as a superpower. These factors underlie Russia’s foreign policy, but Moscow also touts its aim to foster and protect ethnic Russians and Russian speakers who are threatened by American-inspired fascist regimes in the former Soviet states. [...] The annexation of Crimea and continued operations in eastern Ukraine have served to quell a potential domestic crisis of legitimacy for the Putin administration. (USAOC, 2015, p. 36-37)<sup>31</sup>

<sup>30</sup> *Censo ucraniano de 2001.* Disponível em: <http://2001.ukrcensus.gov.ua/eng/results/general/nationality/Crimea/>. Acesso em: 26 nov. 2022.

<sup>31</sup> Tradução livre: “A intervenção da Rússia na Ucrânia e a anexação da Crimeia em 2014 decorrem de uma combinação de motivações, medos e interesses que extraíram força do período de *pozor* (vergonha) no início dos anos 1990. [...] Os fatores estratégicos que levaram à agressão russa na Ucrânia incluíram política interna, reação à expansão da UE e da OTAN, o valor estratégico do Mar Negro, a necessidade da Rússia de manter a influência nos estados periféricos como um amortecedor contra o Ocidente invasão e o desejo do presidente Putin de fortalecer a nova UEE na antiga esfera de influência soviética. Cada um desses fatores contribuiu para o mandato de Moscou de intervenção sob o imperativo de recuperar o status da Rússia como superpotência. Esses fatores fundamentam a política externa da Rússia, mas Moscou também defende seu objetivo de promover e proteger russos étnicos e falantes de russo que são ameaçados por regimes fascistas de inspiração americana nos antigos estados soviéticos. [...] A anexação da Crimeia e as contínuas operações no leste da Ucrânia serviram para reprimir uma potencial crise doméstica de legitimidade para o governo Putin.”

Para evitar derramamento de sangue para ambos os lados, o governo ucraniano decretou que as suas forças militares não resistissem e não lutassem contra esses grupos e soldados russos. Dessa maneira, em 11 de março de 2014, forças da cidade de Sebastopol e o Conselho Supremo da Crimeia declararam que estavam formulando um referendo para oficializar a união da região com a Rússia e, em 18 de março desse mesmo ano, o tratado foi assinado oficializando de fato a península da Crimeia e a cidade de Sebastopol como parte da Federação Russa (USAOC, 2015, p. 31). Até os dias atuais, tal status ainda permanece inalterado.

#### **4. A INTERVENÇÃO RUSSA NA CRIMEIA E O PROCESSO DE ANEXAÇÃO**

Nos últimos anos, como pôde ser visto a partir do capítulo anterior, os dois principais e mais marcantes acontecimentos na relação Moscou-Kiev ocorreram em 2004 (Revolução Laranja) e 2014 (Euromaidan), sendo esse último ano o foco deste estudo.

A partir do Euromaidan, a Rússia tomou uma de suas medidas mais extremas que até então tinha se visto em períodos recentes quando se refere a relação entre ela com a sua vizinha Ucrânia: a anexação do território da Crimeia a sua federação. Esse evento acabou por marcar aquele ano. Um outro fator ocorrido naquele evento e que marcou o âmbito da segurança internacional, foi o uso de métodos de ciberataque e ciberguerra em conjunto com a operação militar tradicional.

Diante disso, esse capítulo busca apresentar como a Rússia se utilizou de ciberataques para causar uma guerra cibernética e, por consequência, anexar a região da Crimeia, alcançando, então, o seu objetivo final, demonstrando seu poder e buscando exercer uma hegemonia na região. Para entender tal ponto, buscar-se-á entender os motivos que levaram a esse comportamento por parte de Moscou, para, assim, analisar como se deu a ação na prática e como ela utilizou de ciberataques e do modo tradicional de se fazer guerra para ter sucesso. Ademais, uma vez que o ciberespaço permite a participação de qualquer indivíduo desde que esse tenha conhecimento necessário, a ação russa contou com a participação de agentes terceiros que também foram de fundamental importância para o objetivo ter sido alcançado. Sendo assim e visto a importância desses indivíduos, nesse capítulo também se buscará analisar a ação deles dentro da investida.

##### **4.1 MOTIVAÇÕES RUSSAS**

Como já mencionado nos capítulos anteriores, a história da relação Rússia-Ucrânia é longa, assim como a disputa por uma das regiões que antes fazia parte ao Estado Ucrâniano e foi um dos principais protagonistas dos eventos que ocorreram em 2014: a Crimeia. Apesar desse local ter sido um dos grandes protagonistas daquele ano, vale ressaltar que essa não foi a primeira vez desde que o fim da URSS que a Rússia tentava resgatar a península de volta para si. Isso porque, em 1991, a Ucrânia, segundo Dourado (2020), negou-se a ceder o controle da Frota do Mar Negro<sup>32</sup> (FMN) a Moscou e informou que iria incorporá-la às suas forças armadas,

---

<sup>32</sup> Enorme unidade que faz parte da marinha russa e opera no mar Negro e no mar Mediterrâneo desde o século XVIII. Tem o Porto de Sebastopol, localizado na Crimeia, como uma das suas principais bases.

isso fez com que Kiev fosse acusada de violar os acordos militares estabelecidos na Comunidade dos Estados Independentes (CEI)<sup>33</sup>. Tal fato fez com que o Estado Russo passasse a cobrar uma negociação com o Estado Ucrainiano quanto a FMN e, aproveitando-se da pressão para que Kiev acabasse por defender de forma ideal apenas um dos tópicos, os políticos russos iniciaram um debate sobre a legitimidade em relação a transferência da Crimeia por Gorbachev (DOURADO, 2020, p. 116). Porém, durante o ano de 1992, tal impasse foi sendo reduzido entre Moscou e Kiev, sendo o embate naquele período em relação a essa região “encerrado” com a cessão de status autônomo a ela.

Esse território foi, como informado na seção 2.2, conquistado pela Rússia da Imperatriz Catarina, a “grande”, em 1783, possibilitando um acesso ao Mar Negro a Rússia, mas, em 1954, essa região passou para a fazer parte da Ucrânia que na época era uma das repúblicas que integravam a antiga URSS.

Uma das mais fortes características russas e que perdura até hoje, ainda que com uma identidade que tenta ser disfarçada em alguns momentos, é o seu caráter de imperialismo (KOWALEWSKI, 2022). Desse modo, os líderes da Rússia, em especial a Vladimir Putin que é o atual presidente do país e que também estava no poder no ano de 2014, buscam reviver o momento de grande glória russa e manter as suas antigas repúblicas sob sua influência, isso podendo ser observado até por conta da criação da CEI.

Visto a sua saída para o Mar Negro, seu grande território, entre outros fatores, a Ucrânia vem sendo alvo de ações de Moscou para que o controle sobre Kiev ainda possa ser garantido. Dessa forma, devido a alguns eventos ocorridos, como foi o caso do Euromaidan, a eleição que pôs Petro Poroshenko no poder e que iriam possibilitar a aproximação da Ucrânia com a UE, o que era visto como inaceitável para Moscou, a Rússia decidiu agir e isso acabou por levar a anexação da Crimeia em 2014 (USAOC, 2015, p. 30-33).

Sob o falso discurso de proteger os russos étnicos que habitavam a península e que, como afirmado pelo presidente russo, estavam sendo vítimas de repressão por terem se oposto ao “golpe” e estavam, assim, com o seu direito à vida em risco<sup>34</sup>, Putin lança uma ofensiva no seu antigo território, que tinha votado majoritariamente em Yanukovich e não legitimava a

---

<sup>33</sup> Organização intergovernamental internacional encabeçada pela Rússia que surgiu no pós-URSS e que atualmente é composta por 10 repúblicas que antes faziam parte do bloco socialista. A Ucrânia fez parte dessa organização até meados de 2018, quando se retirou oficialmente.

<sup>34</sup> *Íntegra do discurso em que Putin reconhece a Crimeia*. 19 mar. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimea.html>. Acesso em: 20 nov. 2022.

vitória das eleições de 2010, e, em menos de 30 dias, anexa-o à Federação Russa. De acordo com Berzins (2014 *apud* DOURADO, 2020, p. 127)

the historic, spiritual and cultural unity of Russia and Ukraine, mourning for the collapse of the USSR, and the historic injustice of giving away Crimea to Ukraine, alleged abuse of the human rights of Russian citizens and Russian speakers in Crimea, labeling of the Euromaidan as a coup executed by Nationalists, neo-Nazis, Russophobes and anti-Semites, as NATO posing a threat by potentially placing its navy “right there in this city of Russian military glory, and this would create not an illusory but a perfectly real threat to the whole of southern Russia” .<sup>35</sup>

Entretanto, apesar de ter sido essa a motivação alegada pela Rússia, sabe-se que, na verdade, o que realmente motivou tal ação de Moscou foram outros quatro fatores: políticas internas; reação à expansão da União Europeia e da OTAN; a importância estratégica do Mar Negro e a necessidade de manter a sua base em Sebastopol; e a imprescindibilidade russa de exercer influência nos estados periféricos como forma de ser um Estado tampão a presença Ocidental na região (tal ação possibilitaria a sobrevivência e a execução do *great power* russo nos seus vizinhos) (RAMOS, 2019, p. 30). Desse modo, Putin não toleraria um governo pró-ocidental em seu vizinho e antiga república, além de querer devolver a Crimeia ao seu “primeiro dono”.

## 4.2 OPERAÇÃO TRADICIONAL E CIBERATAQUES

Apesar do evento de 2014 marcar o uso de mecanismos de ciberguerra para anexar um território e mostrar como ele foi efetivo para o sucesso de forças tradicionais no seu objetivo militar, utilizou-se de meios de ciberataque, além do poderio tradicional de um exército, para que, dessa forma, o Estado Russo tivesse sucesso no processo de anexação da Península da Crimeia. Naquela região, a Ucrânia possuía cerca de 18 mil soldados no início das tensões, enquanto isso, a Rússia possuía cerca de 12 mil soldados no Mar Negro, porém esses eram mais bem treinados e com melhores equipamentos (DOURADO, 2020, p. 130-131). Além disso, de acordo com Ramos (2019), todo o andamento da operação, deu-se também em conjunto com pressões políticas e econômicas realizadas por Moscou em relação ao país vizinho. Desse modo, e visto as operações de ciberataques que serão expostas adiante, percebe-se que o evento de

---

<sup>35</sup> Tradução livre: “A unidade histórica, espiritual e cultural da Rússia e da Ucrânia, luto pelo colapso da URSS e a injustiça histórica de entregar a Crimeia à Ucrânia, alegado abuso dos direitos humanos dos cidadãos russos e falantes de russo na Crimeia, rotulagem do Euromaidan como um golpe executado por nacionalistas, neonazistas, russófonos e anti-semitas, como a OTAN representando uma ameaça ao potencialmente colocar sua marinha “bem ali nesta cidade de glória militar russa, e isso criaria não uma ameaça ilusória, mas perfeitamente real para todo o sul da Rússia”.

2014 em relação a esses dois países europeus são caracterizados como uma guerra híbrida, sendo esse termo definido por Hoffman (*apud* DOURADO; LEITE; NOBRE, 2020, p. 49) como algo que “*se configura por meio de um adversário que simultaneamente emprega uma combinação de armas convencionais, táticas irregulares, terrorismo e grupos criminosos no campo de batalha para atingir seus objetivos políticos*”. Ademais, a partir dessa nova forma de guerra, soldados passam a dividir espaço com engenheiros de combate cibernético, fazendo com que as armas deixem de ser apenas as tradicionais e físicas que se tem conhecimento e passem também a serem arquivos e computadores munidos de *malwares* (GEERS *apud* OLIVEIRA; CASALUNGA, 2020, p. 16).

Para que garanta seus objetivos, de acordo com Rácz (2015 *apud* DOURADO, 2020, p. 128), a guerra híbrida russa é dividida em três fases: preparatória, ataque e estabilização.

Nessa primeira etapa, que seria um tipo de “mapeamento” sobre o inimigo, vai-se apurar informações, para que dessa maneira possa criar estratégias e ferramentas para atingi-lo e, assim, o país garanta o seu objetivo, sobre as vulnerabilidades estratégicas, políticas, econômicas e sociais daquele que será “atingido”. Além disso, como apresentado por Dourado (2020) essa primeira fase não é marcada pelo emprego da violência e também não possui nenhum mecanismo ou atitude que faria com que o país inimigo sentisse ameaça e realizasse um contra-ataque. Na realidade,

No caso russo, esse processo é favorecido devido aos laços históricos, culturais, econômicos e linguísticos com a Ucrânia. Esse processo de “mapeamento” inclui métodos que pouco se diferenciam das ferramentas tradicionais de diplomacia, como por exemplo estabelecer organizações culturais e políticas leais a Moscou, conquista de influência econômica, construção de uma narrativa forte na mídia ou fortalecer movimentos separatistas. (DOURADO, 2020, p. 129)

No campo prático, esse primeiro momento pôde ser observado antes mesmo do processo de anexação. Isso porque, de acordo com Dourado (2020), visto a utilização de meios diplomáticos comuns e a utilização de questões econômicas e culturais, esse “mapeamento” foi sendo realizado por Moscou desde a realização de treinamentos militares programados na fronteira entre os dois países e perto da Crimeia, na tentativa de estabelecer um governo pró-Rússia com a eleição de Yanukovich em Kiev, entre outros atos. No ponto de vista de técnicas para mapeamento que estão mais voltadas ao ciberespaço, pode-se observar a utilização de

*spear phishing*<sup>36</sup> através de e-mails, por exemplo, para que fosse possível colher documentos e informações relativas a Ucrânia, como os seus números econômicos e militares, seus próximos passos já diante do conflito com a Rússia, e também do aumento da propaganda pró-russa na internet, entre outros meios (OLIVEIRA, CASALUNGA 2020, p. 18; RAMOS, 2019, p. 32) .

Analisando as ações mais tradicionais de guerra que se tem conhecimento, as operações russas na Crimeia que levariam futuramente a incorporação desse território iniciaram-se em 22 de fevereiro quando as unidades de infantaria (Spetsnaz) e a força aérea de Moscou (VDV) sobrevoaram o estreito entre a o Estado Russo e Península da Crimeia. Apesar do início dessas operações, o que demonstra de forma mais clara, de acordo com Kofman (2017 *apud* DOURADO, 2020, p. 132), o desejo russo em intervir na região para mudar a ordem política que nela existia foi quando a infantaria naval russa ocupa uma praça e, com essa ação, viola os pontos estabelecidos desde o acordo de Budapeste entre Kiev e Moscou, uma vez que nesse alegava que a Rússia respeitaria as fronteiras da Ucrânia (DOURADO, 2020, p. 131-132; RAMOS, 2019, p. 32-33).

Aliado a essa estratégia, o governo russo aproveitou-se da ausência de poder e o frágil momento de transição a um novo governo após a deposição de Yanukovich para mover sua Spetsnaz dentro do território da Crimeia, além de também incentivar, através de subornos aos russos étnicos que habitavam naquela península, a revolta da população e, dessa maneira, ganharem ainda mais apoio da própria sociedade para darem prosseguimento e estabelecerem a anexação (RAMOS, 2019, p. 32). Assim, com o aumento da oposição e dos protestos no território da Crimeia, a Rússia dá início às suas atividades diplomáticas e militares em um nível mais forte, tendo essas início no momento em que o governo russo informa um treinamento com 150 mil tropas nas regiões próximas ao território da Crimeia, mas esse “treinamento” era, na realidade, uma forma que Moscou encontrou para mover suas tropas do norte da Rússia para o Sul (DOURADO, 2020, p. 131-132; RAMOS, 2019, p. 32-33).

A etapa de ataque informada por Rácz iniciou-se no dia 27 de fevereiro, apenas cerca de cinco dias depois do início da ação russa na Crimeia. Essa tem o seu começo quando, através da utilização de disfarce de milícias locais de autodefesa, as forças do Comando de Operações Especiais da Rússia (KSO) ocupam o Parlamento da Crimeia, sem que a polícia local oferecesse qualquer tipo de resistência, e hasteiam a bandeira russa no prédio, sendo essa tomada do Parlamento a primeira de muitas outras ações russas contra os prédios públicos da península. A

---

<sup>36</sup> Golpe que tem o objetivo de roubar dados ou instalar *malwares* no computador do usuário. Para esse tipo de ação, utiliza-se e-mail ou qualquer outro tipo de comunicação eletrônica, e esse pode ser direcionado a um indivíduo, organização ou empresa específicos.

partir disso, a Rússia oficializa o seu ataque e com isso enviam cerca de mais de 300 soldados que desembarcam no mesmo dia na Crimeia sem avisar previamente o governo de Kiev, quebrando, dessa maneira, mais um acordo entre o governo russo e o ucraniano (DOURADO, 2020, p. 131-132; RAMOS, 2019, p. 32-33).

Como ataque e auxílio no ciberespaço às ações dos exércitos russos, tem-se que, de acordo com Rácz (2015 *apud* DOURADO, 2020, p. 133),

Soldados vestidos de civis começaram a assumir o controle de outros prédios da administração pública, como torres de transmissão, estações de rádio e de televisão, o que permitiu suspender os canais controlados pelo governo ucraniano, sendo trocados pela transmissão de canais russos na região da Crimeia. Todas essas ações encontraram pouca ou quase nenhuma resistência por parte das forças de segurança ucranianas, principalmente pela falta de um comando claro por parte do governo de Kiev, e também pela falta de equipamento adequado para realizar a defesa dos prédios públicos na região.

Além disso, para incorporar ainda mais a ação dita por Rácz, tem-se de maneira mais efetiva o início das operações de ciberataque realizadas pelas forças armadas russas. De acordo com Kofman (2017 *apud* DOURADO, 2020, p. 134),

Russian forces sealed Crimea off from mainland Ukraine at its northern crossing points. They severed landline communications between the Ukrainian mainland and bases on Crimea; supposedly, in some areas, cellphone signals were jammed, possibly from ship-based equipment. Russian soldiers also cut electricity to some bases to apply pressure on the besieged Ukrainian troops within. In brief, Ukraine had lost effective command and control over its units on the peninsula roughly one week into the operation.<sup>37</sup>

Desse modo, a partir de tal ação que afetou o ciberespaço e também a estrutura cinética, a população da Crimeia acabou por ficar isolada do continente e, assim, apenas podia estabelecer comunicação apenas com os russos, como afirmado por Ramos (2019, p. 34). Além disso, foram realizadas diversas campanhas para tomada de bases aéreas ucranianas no território autônomo pelas forças russas (como foi o caso da Base Aérea de Belbek e o aeroporto de Simferopol) e o controle do único submarino da Marinha ucraniana utilizaram do apoio intensivo de campanhas de informação que objetivavam, segundo Dourado (2020, p. 134),

---

<sup>37</sup> Tradução livre: “As forças russas isolaram a Crimeia da Ucrânia continental em seus pontos de travessia ao norte. Eles cortaram as comunicações terrestres entre o continente ucraniano e as bases na Crimeia; supostamente, em algumas áreas, os sinais de celular foram bloqueados, possivelmente de equipamentos baseados em navios. Soldados russos também cortaram a eletricidade de algumas bases para pressionar as tropas ucranianas sitiadas. Em resumo, a Ucrânia havia perdido o comando efetivo e o controle sobre suas unidades na península cerca de uma semana após o início da operação.”

“desestabilizar, desmoralizar e enfraquecer as forças de segurança ucranianas locais, para que houvesse pouca ou nenhuma resistência com a tomada do controle da região pelos russos.”

Sendo assim, observa-se que as forças de Moscou espalharam-se pelo território da Crimeia sem sofrer qualquer tipo de resistência. Isso pode ser explicado não só pela elevada mobilidade e capacidade do exército russo, mas também pelo fato de que, visto melhor pagamento e benefícios, alguns soldados ucranianos se aliaram ao russo e também pelo fato de que, como exposto no capítulo anterior, para evitar um banho de sangue, Kiev ordenou que suas forças não contra atacassem, assim como também, uma vez que a capital ucraniana e o seu novo governo ainda estava se estabelecendo, devido a falta de comando e controle das instituições decisórias da Ucrânia (DOURADO, 2020, p. 136; RAMOS, 2019, p. 35; USAOC, 2015, p. 31).

Para concluir a anexação e poder alegar frente a comunidade internacional que ela tinha sido dada de forma “legal”, foi-se estabelecido um referendo no dia 16 de março pelos líderes separatistas e com a participação dos “*little green men*” (militares não-identificados que mais tarde chegou-se ao conhecimento de serem militares russos), de grupos civis, de milícias pró-russas e de funcionários governamentais que foram obrigados a participar da votação. Nesse evento, a população reuniu-se para votar quanto ao desejo dela em tornar a Crimeia politicamente independente de Kiev e se ela desejava que a região retornasse a fazer parte da Federação Russa cerca de 60 anos depois. Com a apuração desse, oficializou-se, com 97% dos votos, a anexação da região e o fim da fase de ataque dita por Rácz (DOURADO, 2020, p. 135; RAMOS, 2019, p. 35-36). Entretanto, tem se defendido pela Ucrânia, pela ONU e divulgado pela mídia que tal anexação foi ilegal, sendo o motivo dessa ilegalidade o fato de que alguns cidadãos, como foi o caso dos funcionários governamentais, foram “forçados” a participar do referendo contra a sua vontade.<sup>38</sup>

A terceira e última etapa de uma guerra híbrida deu-se a partir da colocação do referendo em prática. Diante disso, a partir da tomada da Base Naval de Teodósia pelos russos, últimos que resistiam à ocupação de Moscou ao território, o governo ucraniano ordena a retirada de todos os militares ucranianos que ainda se encontravam no território e o processo de anexação se conclui em 26 de março de 2014 (DOURADO, 2020, p. 135-136; RAMOS, 2019, p. 36).

---

<sup>38</sup> A Assembleia da ONU considera o referendo da Crimeia ilegal. 27 mar. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395944722\\_944249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395944722_944249.html). Acesso em: 2 dez. 2022.

### 4.3 AMEAÇAS PERSISTENTES AVANÇADAS (APAS) NA ANEXAÇÃO

Como já apresentado no capítulo anterior, o desenvolvimento e a importância do ciberespaço fez com que ele ganhasse notoriedade para ser também um local onde um Estado pode atingir o outro e causar danos ao inimigo e, assim, conquistar os seus objetivos. Diante disso, este passa a ser um dos meios importantes para a fundamentação e ocorrência da ciberguerra e, como uma das características da guerra cibernética e o ganho do espaço virtual, existe ainda a possibilidade de participação de atores não estatais, muitos desses sendo grupos *hackers* que podem ser ou não financiados pelo governo, para auxiliar as Forças Armadas na conquista dos seus objetivos.

Ademais, ao utilizar o ciberespaço, visto que esse tem a capacidade de ampliar o poder regional de um Estado, em conjunto com as atividades tradicionais das forças militares durante o curso de anexação da Península da Crimeia, “a simbiose inovadora entre setores especiais das Forças Armadas russas e hackers civis produziu efeito sinérgico que resultou em vantagem considerável à Rússia durante o conflito com a anexação do território da península da Crimeia”, como afirmado por Oliveira e Casalunga (2020, p. 13).

Sendo assim, no evento de 2014 pôde ser observado a participação de atores não estatais, sendo esses definidos como Ameaças Persistentes Avançadas (APA). Essas, de acordo com Oliveira e Casalunga (2020, p. 15), são

atores como espiões, hackers, criminosos e terroristas cibernéticos que atuam em esquemas altamente organizados, capazes de orquestrarem ataques sofisticados sem que sua presença seja notada até que a ação tenha ocorrido e os danos causados. Todavia, além de representarem ameaças à segurança cibernética de estruturas físicas, as APA ganharam importância estratégica para os Estados contemporâneos como ferramentas úteis em operações ofensivas “eficazes para a infiltração de sistemas de defesa estrangeiros ou roubo de segredos militares, principalmente devido à relativa facilidade de execução, bem como um baixo risco de revelar a fonte real e o beneficiário de tal ataque.

Diante disso, esses agentes, como será evidenciado ao longo da seção, serão de fundamental importância e auxílio para as ações militares encabeçadas pelo Estado Russo durante o ano de 2014. Vale ressaltar que, ainda que Moscou negue a utilização de ciberataques e, principalmente, o patrocínio de agentes terceiros, segundo Oliveira e Casalunga (2020, p. 28-29),

Mediante a verificação do alto grau de sofisticação dos ataques cibernéticos e a capacidade de atualização das ameaças, é difícil refutar a suspeita de que a ação dos hackers tenha sido impulsionada por um ente capaz de financiar esse tipo de campanha

de longo prazo. Tamaña complexidade aponta para o envolvimento de um ente estatal robusto capaz de alavancar consideravelmente as ações no ciberespaço [...].

Sendo assim, a partir desse patrocínio e de dados obtidos por agências de segurança cibernética, pode-se observar que a Rússia se utilizou, portanto, do ciberespaço para ampliar a sua capacidade de projeção de poder nos seus vizinhos, em especial a Ucrânia, através da associação das suas forças especiais, como a Spetsnaz, com as APAs. Essa projeção foi feita principalmente através de infiltração nas redes ucranianas através do método de *spear phishing* que obtinham informações secretas, afetam infraestruturas críticas, colhiam dados que informavam os passos de Kiev para o conflito, entre outras consequências, além de também ter sido utilizado ataques cibernéticos de negação de serviço, ou como são conhecidos, *distributed denial of service* (DDoS)<sup>39</sup> (OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 18-22). Desse modo, de acordo com o Grupo de Inteligência sobre Ameaças Cibernéticas através de análises e estudos do evento, chegou à conclusão que a Rússia utilizou uma “uma mistura alarmante entre espionagem cibernética, guerra física e as forças políticas por trás delas” (LOOKING GLASS, 2015 *apud* OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 19). Essa utilização foi feita principalmente pela agência estatal russa de Comunicações e Informações Governamentais (FAGCI) e pelo Serviço Federal de Segurança (FSB), como aponta o Serviço de Segurança da Ucrânia junto ao LookingGlass (2015 *apud* OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 19).

Uma das estratégias de ciberataque utilizadas no processo foi a BlackEnergy (BE), desenvolvida pela APA CyberBerkut que assumiu a responsabilidade por uma das ações. Esse *malware* teve diversas etapas e atualizações (BE.lite e BlackEnergy2, por exemplo), mas sua mais importante funcionalidade era que ele ocasionava a queda de sites governamentais, sendo assim um tipo de DDoS, e, em sua versão mais recente e completa, comprometia diversos setores de infraestrutura crítica. Na prática, ele foi o responsável por ataques às redes de celulares e a adulteração de cabos de fibra ótica da península, o que dificultou que os que lá habitavam entrassem em contato com Kiev e, assim, impediu que o poder público agisse em relação ao exército russo na região e, a partir disso, as forças de Moscou acabaram por conseguir seguir o seu plano de tomada do território sem sofrer interferências. Além disso, foi-se utilizado desse *malware* para obter documentos sigilosos, códigos de execução e senhas para acessar remotamente usuários online que seriam do alto escalão do governo ucraniano, esses sendo *decision-makings*, que estariam por trás de uma possível estratégia de resposta ou resistência contra as forças russas, o que acabava por oferecer vantagem ao exército russo no campo de

---

<sup>39</sup> Os ataques DDoS são causados quando se interrompe o tráfego normal e o acesso a um servidor, serviço ou rede, impedindo, portanto, que um usuário utilize alguma rede ou forma de comunicação, por exemplo.

batalha (OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 22-23). Em conjunto com essa estratégia, como afirmado por Giles (2015 *apud* OLIVEIRA, CASALUNGA, p. 23)

Os ataques cibernéticos ocorreram em perfeita sincronia com as ações das forças especiais russas, os “homens de verde” (Spetsnaz), grupos armados e agentes de inteligência sem identificação, responsáveis pelas operações militares que tomaram controle da península e apoiaram os movimentos separatistas do leste.

Ademais, ciberataques também eram realizados para trabalharem em conjunto as ações diplomáticas de Moscou. Tal ideia pôde ser observada quando durante a apuração da votação de 2014, a APA CyberBerkut atacou a página da apuração eleitoral e divulgaram no site da Comissão Central de Eleições (CEC) que o vencedor daquela disputa tinha sido o conservador Dmitry Yarosh, sendo isso o que conhecemos atualmente por *fake news*. Tal atitude fazia com que a massa duvidasse da legitimidade da disputa e solicitasse novas eleições, sendo isso uma vontade russa, já que o vencedor daquela eleição foi o pró-UE, Petro Poroshenko. Além dessa APA, houve atividade de outras, como a FancyBear, a Sofacy e a Pawn Storm. Essas utilizaram-se principalmente da técnica de e-mails *spear phishing* para atuarem com espionagem cibernética e roubar credenciais de acesso de membros do governo e, assim, terem acesso a sistemas de informação de diversos órgãos e instituições que seriam responsáveis pelo processo de *decision-making* para as ações que a Ucrânia poderia desempenhar no conflito, como as Forças Armadas, partidos políticos que formavam o governo, Ministério da Defesa, entre outros (OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 24). Tais atitudes e APA podem ser associadas a Rússia porque, de acordo com o relatório do FireEye (2014 *apud* OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 25),

As amostras dos malwares presentes nos e-mails coletados pelo FireEye (2014), contêm códigos escritos em idioma russo e apresentam atividade em horário comercial de acordo com o fuso horário das principais cidades da Federação Russa, “evidências de operações focadas e de longa data que indicam um patrocinador do governo — especificamente, um governo com sede em Moscou”

Além dessas, uma outra ferramenta que auxiliou a formação de uma estratégia de movimentação e ataque russa foi o X-Agent, mecanismo desenvolvido pela APA Pawn Storm. Esse *malware*, quando implantado nos celulares dos usuários que eram geralmente da força armada ucraniana, fornecia aos *hackers* a localização em tempo real das tropas de Kiev e essa era repassada ao setor de inteligência russo que, em conjunto com os exércitos e restante dos membros do governo, antecipavam o movimento do adversário no campo inimigo (OLIVEIRA, CASALUNGA, 2020, p. 26). Sendo essa, uma clara maneira de espionagem, técnica utilizada

desde o início das formas mais rudimentares de conflito, mas que em 2014, teve uma nova forma de ser realizada.

Uma outra APA que teve participação nos ciberataques foi a Sandworm. Essa foi a responsável por atacar setores de infraestrutura crítica em que os *hackers* desse grupo causavam maneiras de interromper o fornecimento de energia, como foi o caso da região de Ivano-Frankivsk que teve sete subestações desconectadas por três horas. Visto tal ataque ser de difícil execução, tem-se estudos estimando que ele demorou ao menos seis meses no processo de planejamento e, durante essa fase, de acordo com Oliveira e Casalunga (2020, p. 27), “os computadores da companhia regional de distribuição de energia elétrica foram infectados com o uso de *spear phishing* enviados a usuários com acesso à rede administrativa das empresas.”. A partir disso, vulnerabilidades do sistema foram localizadas e, remotamente, participantes do grupo liberaram comandos destrutivos à distância impossibilitando o contato da cidade atingida com o governo de Kiev, utilizando junto ao *spear phishing* a estratégia de DDoS.

Apesar da atividade de ciberataque ter sido feita predominantemente por APAs, vale ressaltar que o próprio governo russo atuou no ciberespaço, principalmente através de técnicas de espionagem para alcançarem o seu objetivo, tendo algumas dela sendo realizadas antes mesmo do conflito em 2014, como afirma Unwala e Ghori (2015, p. 6). Como exemplo de algumas dessas operações de ciberespionagem realizada pelo governo russo, tem-se: o *malware* Sandworm, que, através de uma vulnerabilidade no sistema Windows, passou a se infiltrar nos aparelhos de telecomunicações ucranianos e teve suas atividades ainda mais marcantes próximo ao conflito; a operação Armagedon, que se iniciaram no momento em que a Ucrânia afirmou que iria assinar o Acordo de Associação e atingiu membros do governo e membros da segurança do Estado (militares e policiais); o *malware* Snake, que iniciou suas operações no momento em que se iniciaram os protestos anti-governo e infectou as credenciais do Primeiro-Ministro ucraniano e as redes de várias embaixadas ucranianas fora de Kiev; e a Operação Potao, que iniciaram juntamente com a entrada de militares russos na Crimeia e atingiram os mais diversos meios de comunicação de oficiais ucranianos e as agências de notícia.

Dessa forma, observa-se que, devido a uma série de ocorrências (um exército bem preparado, o não contra ataque por parte do exército ucraniano, o apoio da população da Crimeia) em conjunto com a utilização de estratégias cibernéticas em níveis antes nunca vistos no processo de anexação de uma região, a Rússia conseguiu tão rapidamente integrar a sua federação um território de cerca de 26 mil km<sup>2</sup> e que a 60 anos pertencia a uma outra nação.

Ademais, trazendo a um âmbito ainda mais atual, o sucesso que a Rússia obteve nessa incursão acabou por incentivá-la a desenvolver ainda mais os mecanismos de ciberataque. De

acordo com a Microsoft, as tentativas de ciberataques russos aumentaram de 52% para 58% durante o período de 2019 a 2021<sup>40</sup>. Tal fato faz com que essa estratégia seja ainda mais utilizada para auxiliar investidas militares, como pode ser observado atualmente a partir da invasão russa ao território da Ucrânia quando esse país mostrou interesse em ingressar na OTAN. Diante disso, em fevereiro de 2022, Putin anuncia uma “operação militar especial” com, de acordo com o seu discurso, o objetivo de

Its goal is to protect people who have been subjected to bullying and genocide... for the last eight years. And for this we will strive for the demilitarization and denazification of Ukraine. And to bring to court those who committed numerous bloody crimes against civilians, including against citizens of the Russian Federation. (Discurso de Putin, 2022)<sup>41 42</sup>

Nessa investida russa contra Kiev, observa-se um maior uso da força a partir da utilização de mísseis, tanques e confrontos mais diretos entre ambos os lados. Entretanto, ainda assim também é observado uma forte ofensiva no campo cibernético em que, de acordo com pesquisa realizada pelo Check Point Research<sup>43</sup>, após três dias da operação russa, já se detectava um aumento de cerca de 196% no índice de ofensivas digitais na região da Ucrânia. Ademais, dessa vez a Rússia ainda expandiu os seus ciberataques a possíveis aliados de Kiev, uma vez que, segundo a Microsoft, Moscou lançou uma média de 42 ataques cibernéticos contra aliados do seu vizinho<sup>44</sup>. Aliado a esses ciberataques, percebe-se ainda estratégias de ataques cinéticos, como o que ocorreu em 1 de março de 2022, quando forças russas lançaram um míssil em uma torre de TV de Kiev, o que deixou a região sem acesso a notícias e sem a possibilidade de receberem comunicados oficiais (CHECK POINT RESEARCH, 2022).

---

<sup>40</sup> *Microsoft diz que 58% dos ciberataques vêm da Rússia*. 8 out. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/microsoft-diz-que-58-dos-ciberataques-vem-da-russia/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

<sup>41</sup> *Russia's Putin authorises 'special military operation' against Ukraine*. 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russias-putin-authorises-military-operations-donbass-domestic-media-2022-02-24/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

<sup>42</sup> Tradução livre: “Seu objetivo é proteger as pessoas que foram vítimas de bullying e genocídio... nos últimos oito anos. E para isso lutaremos pela desmilitarização e desnazificação da Ucrânia. E levar a tribunal aqueles que cometeram numerosos crimes sangrentos contra civis, inclusive contra cidadãos da Federação Russa.”

<sup>43</sup> *Ciberataques triplicam na Ucrânia após invasão pela Rússia*. 23 mar. 2022. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/03/23/seguranca/ciberataques-triplicam-na-ucrania-apos-invasao-pela-russia/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

<sup>44</sup> *Microsoft diz que Rússia lançou ciberataques contra 42 países aliados de Kiev*. 23 jun. 2022. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/microsoft-diz-que-russia-lancou-ciberataques-contra-42-paises-aliados-de-kiev-14961402.html>. Acesso em: 2 dez. 2022.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sendo baseado na seguinte pergunta norteadora: "como a Rússia se utilizou de ciberataques, em sua guerra híbrida, para, por consequência, anexar a região da Crimeia?", o presente trabalho traz a análise das ações russas na investida para a anexação da Crimeia, que até aquele momento era território ucraniano, em 2014, e, com isso, mostra como elas auxiliaram a incursão e foram um dos fatores responsáveis pela vitória russa. Porém, para se entender o evento de 2014, faz-se necessário ainda entender os motivos que levaram a ele, as relações entre esses países e o contexto histórico que eles viviam naquele ano em relação um ao outro.

Para tanto, foi-se realizado um estudo cronológico buscando construir um *background* histórico para aquele episódio e, para analisar as estratégias de ciberataque de forma mais pormenorizada. Analisou-se, através de revisão bibliográfica, as ações russas e de agentes não estatais que participaram das investidas no ciberespaço.

A partir disso, pôde-se observar como o ciberataque foi utilizado durante todo o processo que levou à anexação e como isso auxiliou as atividades militares tradicionais. Ademais, visto a efetividade em uma campanha, também pode-se perceber que isso foi um dos principais efetivos para que a Rússia seguisse na sua busca em desenvolver ainda mais tais tipos de ataques para que, quando necessário, eles pudessem ser utilizados novamente, como é o que está ocorrendo atualmente a partir dessa "operação especial militar" que Moscou realiza em Kiev.

Quanto à perspectiva teórica das relações internacionais, observa-se que muitos dos objetivos buscados pelo Kremlin e que motivaram a incursão estão, de certa maneira, atreladas ao realismo ofensivo de Mearsheimer. Isso porque conceitos como poder, hegemonia e a busca de um Estado pela sobrevivência (sendo essa última em especial, pela observação da história desse país em relação a sua região e vizinhos, um fundamento falso), por exemplo, são algumas das justificativas informadas por Putin para realizar tal ação contra o antigo território ucraniano. Ademais, pode-se associar a ação também a ideias geopolíticas, como a lei complementar de Ratzel, uma vez que a partir dela a Rússia pôde ampliar o seu território, e teoria do poder marítimo de Mahan, dada a importância de Sebastopol durante toda a história russa e como tal país buscou sempre manter o porto sob o seu poder, iniciando incursões e rechaçando qualquer ameaça contra essa relação.

Vale salientar que as informações e conhecimentos obtidos deram-se a partir da utilização de uma metodologia qualitativa em escala principal e preponderante, sendo essa de forma secundária e adquirida de livros, artigos, teses, notícias, entre outros.

Desta forma, este trabalho poderá contribuir de certa maneira para que o debate sobre a questão de ciberataques e ciberguerra permaneça ativo dentro do meio acadêmico, além de demonstrar a eficácia que o ataque cibernético pode ter dentro de uma incursão militar e como eles atuam lado a lado. Desse modo, tal reflexão dentro do campo acadêmico das relações internacionais poderá ainda possibilitar que os Estados verifiquem a importância do tema e busquem maneiras de se proteger desse.

## REFERÊNCIAS

ABOUT number and composition population of Autonomous Republic of Crimea by data All-Ukrainian population census'. *State Statistics Committee of Ukraine*. Disponível em: <http://2001.ukrcensus.gov.ua/eng/results/general/nationality/Crimea/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

ASSUNÇÃO, Juliana Zaniboni de. A Ciberguerra é Guerra?. *Hoplos*, Niterói, v. 6, n. 10, p. 9-23, jan./jul. 2022.

CANO M., Jeimy J. Ciberataques: ¿Impuestos inevitables en la dinámica de una economía digital?. *Revista Sistemas*, Bogotá, n. 157, p. 67-74, 2020.

BRAUN, Julia. Por que Ucrânia abriu mão de arsenal nuclear nos anos 1990. *BBC*. São Paulo, 28 fev. 2022. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60532668>. Acesso em: 2 dez. 2022.

BULHÕES, Gabriela. Ciberataques triplicam na Ucrânia após invasão pela Rússia. *Olhar Digital*, 2022. Disponível em: <https://olhardigital.com.br/2022/03/23/seguranca/ciberataques-triplicam-na-ucrania-apos-invasao-pela-russia/>. Acesso em: 27 nov. 2022.

CHECK POINT RESEARCH. *2022 Mid-Year Trends Report*. Disponível em: <https://pages.checkpoint.com/cyber-attack-2022-trends.html>. Acesso em: 2 dez. 2022.

CLARKE, Richard A.; KNAKE, Robert K. *Cyber War: The Next Threat to National Security and What to Do About It*. Nova Iorque: Harper Collin Books, 2010.

CLAUSEWITZ, Carl Von. *On War*, tradução de Michael Howard e Peter Paret. Princeton: Princeton University Press, 1984.

CUNHA, Raul Luis de Moraes Lima Ferreira da. *Ucrânia-Rússia: o redefinir das relações leste-oeste*. University Institute of Lisbon: Lisboa, 2016.

DOURADO, Maria Eduarda Buonafina Franco. Entre Guerra Híbrida e Gíbridnaya Voyna: uma análise comparada da atuação dos Estados Unidos e da Rússia no conflito ucraniano (2014-2015). João Pessoa, 2020. 240p. Dissertação (Mestrado em Segurança Internacional) - Programa de Pós-Graduação em Relações Internacionais, Universidade Estadual da Paraíba.

DOURADO, Maria Eduarda Buonafina; LEITE, Alexandre Cesar Cunha; NOBRE, Fábio Rodrigo Ferreira. Guerra Híbrida vs. Gíbridnaya Voyna: os diferentes significados dos conflitos híbridos para o Ocidente e para a Rússia. *Revista da Escola Naval de Guerra*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 39-64. janeiro/abril. 2020.

FONSECA FILHO, Clézio. *História da Computação: o caminho do pensamento e da tecnologia*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

HOBBSAWN, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX, 1914-1991*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

ÍNTEGRA do discurso em que Putin reconhece a Crimeia. *GI*, 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/mundo/noticia/2014/03/leia-integra-do-discurso-em-que-putim-reconhece-crimea.html>. Acesso em: 20 nov. de 2022.

LIBICKI, Martin C. *Cyberdeterrence and cyberwar*. Santa Monica: RAND Project Air Force, 2009.

KOWALEWSKI, Zbigniew Marcin. O imperialismo russo. *Revista Movimento*, 2022. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2022/03/o-imperialismo-russo/>. Acesso em: 2 dez. de 2022.

KUZIO, Taras. *Ukraine: Perestroika to independence*. 2. ed. Londres: Macmillan Press Ltd, 2000.

KUZIO, Taras. *Ukraine: Democratization, Corruption, and the New Russian Imperialism*. Santa Barbara: Praeger Security International, 2015.

MAFRA, Roberto Machado de Oliveira. *Geopolítica: introdução ao estudo*. São Paulo: Sicurezza, 2006.

MEARSHEIMER, John J. *The Tragedy of Great Power Politics*. Nova Iorque: W.W. Norton & Company, 2001.

MICROSOFT diz que 58% dos ciberataques vêm da Rússia. *Exame*. 2021. Disponível em: <https://exame.com/tecnologia/microsoft-diz-que-58-dos-ciberataques-vem-da-russia/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MICROSOFT diz que Rússia lançou ciberataques contra 42 países aliados de Kiev. *TSF*, 2022. Disponível em: <https://www.tsf.pt/mundo/microsoft-diz-que-russia-lancou-ciberataques-contr-42-paises-aliados-de-kiev-14961402.html>. Acesso em: 2 dez. 2022.

MORGENTHAU, Hans; THOMPSON, Kenneth W. *Politics Among Nations*. 7 ed. Nova Iorque: McGraw-Hill Education, 2005.

NUNES, Danilo Henrique; LEHFELD, Lucas Souza; SILVA, Jonatas Santos. Ciberterrorismo: a internet como meio de propagação do terror. *Revista Húmus*, São Luiz, v. 10, n. 29, p. 209-234, 2020. Disponível em: <http://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/revistahumus/article/view/13837#:~:text=Devido%20a%20expans%C3%A3o%20e%20progress%C3%A3o,ordenamento%20jur%C3%ADico%20brasileiro%20quando%20da>. Acesso em: 05 de setembro de 2022.

NYE, Joseph S. *The Future Of Power*. Nova Iorque: PublicAffairs, 2011.

OLIVEIRA, Uriel Rodrigues Repas de. *A Disputa entre a Rússia e a Ucrânia pela Região da Crimeia*. Lisboa, 2016, 117p. Trabalho de investigação aplicada (Relatório Científico Final do Trabalho de Investigação Aplicada) - Academia militar.

OLIVEIRA, Marcos Aurélio Guedes de; CASALUNGA, Fernando Henrique. Guerra Híbrida: o emprego da tecnologia da informação no conflito Rússia-Ucrânia (2014-2015). *Revista Brasileira de Estudos de Defesa*, Niterói, v. 7, n. 2, p. 9-36, jul./dez. 2020.

OSBORN, Andrew; NIKOLSKAYA, Polina. Russia's Putin authorizes 'special military operation' against Ukraine. *Reuters*, 2022. Disponível em: <https://www.reuters.com/world/europe/russias-putin-authorises-military-operations-donbass-domestic-media-2022-02-24/>. Acesso em: 2 dez. 2022.

PARASCHNUCK, Lucía Byllk. Orígenes del conflicto Ucraniano. *Revista Aequitas*, Valladolid, n.12, p. 157-177, 2018.

RAMOS, Tiago Filipe Simões. *Análise da Intervenção Russa na Crimeia*. Lisboa, 2019. 88p. Dissertação (Mestrado Integrado em Ciências Militares, na especialidade de Cavalaria) - Academia Militar.

SAIZ, Eva. A Assembleia da ONU considera o referendo da Crimeia ilegal. *El País*. Washington, 27 mar. 2014. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395944722\\_944249.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/03/27/internacional/1395944722_944249.html). Acesso em: 2 dez. 2022.

SASSE, Gwendolyn. *The Crimea Question: identity, transition and conflict*. Massachusetts: Harvard University Press, 2007.

SUBTELNY, Orest. *Ukraine: a history*. 4. ed. Toronto: University of Toronto Press, 2009.

SPRINGER, Paul J. *Cyber Warfare: a reference handbook*. Santa Bárbara: ABC-CLIO, 2015.

UNWALA, Azhar; GHORI, Shaheen. Brandishing the Cybered Bear: Information War and the Russia-Ukraine Conflict. *Military Cyber Affairs*, Tampa, v. 1, n. 1, Article 7, p. 1-13, 2015.

USAOC. Little Green Men: a prime on Modern Russian Unconventional Warfare Ukraine 2013-2014. *The United States Army Special Operations Command*. Carolina do Norte, 2015.

WILLIAMS, Paul D. *Security Studies: an introduction*. 2 ed. Oxfordshire: Routledge, 2013